

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Aula Dialogada Espaço/Tempo de Formação Humana

Patricia Cabral Rossi

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Angelita Hentges

Pelotas - RS
2024

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

CAMPUS PELOTAS VISCONDE DA GRAÇA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Aula Dialogada Espaço/Tempo de Formação Humana

Patricia Cabral Rossi

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação do *Campus* Pelotas Visconde da Graça do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação, área de concentração: Formação de Professores.

Orientadora: Prof^a Dr^a Angelita Hentges

Membros da Banca:

Prof^a Dr^a Margarete Hirdes Antunes

Prof^a Dr^a Darlene Furtado

Prof. Dr. João Ladislau Barbará Lopes

Pelotas - RS

2024

R833a Rossi, Patricia Cabral
Aula Dialogada Espaço/Tempo de Formação Humana/ Patricia
Cabral Rossi. – 2024.
86 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-Grandense,
Câmpus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós - graduação em
Ciências e Tecnologias da Educação, 2024.
Orientadora: Profa. Dra. Angelita Hentges.

1. Tecnologias na educação. 2. Educação. 3. Aula dialógica. 4.
Método de ensino. I. Hentges, Angelita (ori.). II. Título.

CDU: 378.046-021.68:37.02

Catálogo na fonte elaborada pelo Bibliotecário
Vitor Gonçalves Dias CRB 10/1938
Câmpus Pelotas Visconde da Graça

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo desenvolver como produto educacional uma mídia digital no formato de um vídeo cuja proposta é ser um material consultivo e de apoio, assim como, de inspiração para os docentes no planejamento da aula dialogada baseada nos pressupostos freirianos e, principalmente, na compreensão, pelos docentes, da aula como um espaço/tempo de formação humana. Os objetivos específicos visam verificar se os discentes do curso de Licenciaturas do IFSul campus Pelotas Visconde da Graça têm conhecimentos construídos sobre a aula dialógica e se a percebem como um tempo-espaço de construção conjunta de conhecimento, assim como, o entendimento que a aula é um espaço de construção não apenas de conhecimento, mas também de cidadãos. A metodologia aplicada é a pesquisa exploratória qualitativa, sendo a coleta de dados efetuada por meio de dois questionários: o primeiro anterior a apresentação do vídeo *Aula dialogada* aos sujeitos da pesquisa e o segundo após, tendo como sujeitos da pesquisa os discentes do curso de Licenciaturas do IFSul campus Pelotas Visconde da Graça que estão cursando a disciplina Prática Pedagógica II. O trabalho tem como referencial teórico Paulo Freire e está ancorado em três pilares defendidos pelo autor, a Educação como ato político, a Aula Dialógica e o Currículo como uma prática pedagógica. Foi possível concluir, como principais resultados da pesquisa que os discentes conceituam a aula tradicional de forma correta e percebem com clareza seus pontos negativos bem como têm consciência da importância da aula dialogada e do diálogo na construção do conhecimento. Constatou-se também que a maioria dos discentes não tinham conhecimento construído relacionado ao planejamento de uma aula no formato dialógico. Verificou-se ainda que o vídeo *Aula dialogada* atingiu seu objetivo, uma vez que todos os discentes sujeitos desta pesquisa, após assisti-lo, se consideraram aptos e com subsídios para iniciarem o uso dessa metodologia.

Palavras-chave: Educação, aula dialogada, formação humana integral, Paulo Freire.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to develop a digital media product in the form of a video that is intended to be an advisory and support material, as well as an inspiration for teachers when planning a dialogic lesson based on Freirean presuppositions and, above all, teachers' understanding of the classroom as a space/time for human formation. The specific objectives are to check whether the students on the degree course at the IFSul Pelotas Visconde da Graça campus have any knowledge of the dialogic classroom and whether they perceive the classroom as a time-space for the joint construction of knowledge, as well as the understanding that the classroom is a space for the construction not only of knowledge, but also of citizens. The methodology applied is qualitative exploratory research, with data being collected using two questionnaires, the first before the video of the dialogued lesson was shown to the research subjects and the second after the video was shown. The research subjects were students on the degree course at the IFSul Pelotas Visconde da Graça campus who are studying the subject Pedagogical Practice II. The work is based on Paulo Freire's theoretical framework and is anchored in three pillars defended by the author: Education as a political act, the Dialogical Classroom and the Curriculum as a pedagogical practice. The main results of the research were the conclusion that the students conceptualize the traditional classroom correctly and clearly perceive its negative points, as well as being aware of the importance of the dialogical classroom and dialogue in the construction of knowledge. It was also found that most of the students had no knowledge of how to plan a lesson in a dialogic format. It was also found that the dialogic lesson video achieved its objective, since all the students who were the subjects of this research, after watching the video, considered themselves able to start using this methodology.

Keywords: Education, dialogued class, integral human formation, Paulo Freire.

Lista de Figuras

Figura 1 - Relação associação conteúdo X vivências dos estudantes..... 29

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Relação dos trabalhos consultados.....	15
Tabela 2 – Vantagens e Desvantagens da Questões Abertas	55

Lista de Abreviaturas e Siglas

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CaVG – Campus Visconde da Graça

IFSul – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

3MP – Três Momentos Pedagógicos

PE - Produto Educacional

UEM - Universidade Estadual de Maringá

USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	32
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS	51
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	58
6. PRODUTO EDUCACIONAL	72
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
8. REFERÊNCIAS	77
9. APÊNDICES	82

1. Introdução

Desde os tempos mais remotos o ser humano através de diferentes recursos faz descobertas, constrói conhecimento e disponibiliza esse conhecimento conquistado para as próximas gerações. Tais gerações aprimoram e aperfeiçoam as descobertas, fazem novas descobertas, produzem novos conhecimentos e também deixam de herança para as gerações futuras. E esse ciclo segue até os dias de hoje!

Hoje em dia, com ferramentas muito mais eficientes, tecnológicas e precisas, essa produção de conhecimento segue sendo realizada através de estudos, pesquisas, experiências e vivências. Mas a transmissão desse conteúdo, desse conhecimento produzido ou adquirido pode ser feito da mesma forma que tem sido feito ao longo dos anos?

A geração de hoje, exposta desde criança à tecnologia, tendo a informação na palma da sua mão, as respostas rápidas, as redes sociais, pode ser comparada com a geração do século passado?

Como conseguir alcançar os objetivos da escola que vão além do conhecimento técnico e profissional, mas que visam também a formação humana integral, com os alunos deste século?

Através do modelo que ainda hoje predomina nas escolas, o modelo tradicional, que é a educação bancária (Freire, 2011), na qual os alunos são apenas espectadores, e que apenas precisam reproduzir no momento da avaliação o que foi depositado neles, não conseguiremos explorar o potencial e a força da educação, em um modelo de sala de aula em que os alunos não são incentivados a debates, a intervenções, a críticas e que, às vezes, pelo contrário são até desestimulados.

Ao iniciar minhas leituras sobre Educação, pois não é minha área de formação inicial, mas devido ao trabalho que desempenho no IFSul campus Visconde da Graça (Técnico Administrativo em Educação), no qual tenho contato diário com docentes e também discentes, o tema educação passou a ser uma constante em meu cotidiano. Então, comecei a buscar formação e

qualificação, como o curso de formação pedagógica que concluí em 2023. Seguindo meus estudos comecei a buscar textos sobre ensino e aprendizagem e me deparei com um vasto campo de informações sobre metodologias de ensino, didática, conteúdos programáticos, metodologias tradicionais bem como ativas e inovadoras. Mas pouco se falava sobre a aula, sua magia, sua função, seus objetivos, sua essência. Por isso, iniciei a busca pelo tema.

Algumas falas de professores, colegas e estudantes com as quais me deparei durante minha trajetória acadêmica, tanto no ensino básico quanto no ensino superior, chamaram a minha atenção. Por exemplo, a palestra, a entrevista ou o encontro, foram tão excepcionais, tão enriquecedores que pareciam uma aula, exaltando com essa fala o que devia ser uma aula!

Então, se a aula é tão relevante, como não parar para pensar, refletir, questionar mais sobre o tema? Qual o motivo que faz com que a aula para muitos seja um ato tão trivial, simples, planejada mecanicamente, sendo muitas vezes repetida com as mesmas palavras, exemplos, informações e materiais de uma turma para outra ou até mesmo de um ano para o outro sem levar em consideração a diversidade de alunos, suas bagagens, seus contextos de vida, os acontecimentos que ocorreram naquele ano, o tempo e a história do período?

Enfim, sem considerar que cada aula é um momento único e singular com oportunidades ímpares de construção de conhecimento, de construção ou reconstrução de conceitos de ressignificações ou reafirmações, de mudança de vida, de formação de cidadãos, de seres humanos os únicos capazes de melhorar a realidade do mundo que vivemos hoje e o mundo que ficará para o futuro das gerações.

Aqui não estou trazendo apenas a aula como evento que ocorre dentro da sala de aula, entre quatro paredes, num tempo determinado geralmente entre 45 e 50 min, mas sim o encontro de pessoas com um objetivo em comum, que buscam sua formação, seu crescimento profissional, mas também humano, social e ético. E, quando cito pessoas, estou me referindo aos alunos e também aos professores que tem em cada aula a oportunidade de trocar, crescer e aprender com seus alunos além de poder refletir sobre sua prática,

seus métodos de ensino aprendizagem e sobre sua importância neste contexto, não só na formação de profissionais, mas na formação do humano.

É de extrema importância e urgência que os docentes, tanto os que já estão na caminhada há vários anos quanto os que estão no início do seu trilhar, lembrem que a aula independente da sua modalidade – tradicional, escolanovista ou ensino a distância, se o professor usa quadro e giz ou se o equipamento de última geração em termos de tecnologia – é muito mais que cumprir um conteúdo programático e formar técnicos e profissionais capacitados. A aula é um espaço tempo de formação cidadã, humana, estética ela é um instrumento de mudança e para que isso seja possível ela tem que ser baseada no diálogo e na valorização e na escuta de todos os sujeitos que dela fazem parte. A aula é um espaço-tempo acima de tudo de esperança.

Essa percepção aflorou em mim quando em 2013 após ter sido aprovada no concurso para Técnico Administrativo em Educação no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), comecei a trabalhar com a educação e com todos os envolvidos neste processo de ensino aprendizado no meu cotidiano. Nesta experiência constatei a riqueza que essa relação docente-discente-conhecimento pode gerar quando bem aproveitada. Quantos alunos podem ter suas vidas transformadas neste encontro com o conhecimento e o quanto não podemos desperdiçar essa oportunidade de fazer a diferença na vida de alguém. Entendendo que o diálogo é uma das melhores alternativas em tudo na vida, creio que na sala de aula ele também seja imprescindível para a construção conjunta de conhecimento.

Tenho, então, como motivação a certeza que a educação tem o poder de transformar realidades – e a cada dia tenho mais convicção nesta frase –, pois tudo seria tão diferente se todos, sem distinção, tivessem a oportunidade de ingressar e principalmente permanecer em uma instituição de ensino até concluir com êxito toda sua formação acadêmica.

Além de todo o contexto envolvido na questão da evasão escolar, vejo outro ponto importante, o fato de o aluno não se dar conta da importância da aula. Por experiência própria digo que às vezes não valorizamos o momento, o conteúdo as aprendizagens. Não tinha a percepção que em algum momento o

que estamos aprendendo será importante, não só o próprio conteúdo, mas o raciocinar, o pensar, o discutir. Pois, pelo menos teria que ser assim, perceber a aula como um espaço-tempo de construção de conhecimento e também de aprender a raciocinar, a crítica, a refletir, a dialogar.

Os estudantes em geral (principalmente os mais jovens) não têm essa percepção. Talvez consigamos trazer os alunos efetivamente para dentro da sala de aula tornando as aulas mais interessantes, aproximando o conteúdo das suas vivências e realidades do cotidiano, incentivando sua participação ativa no processo de ensino aprendizagem.

1.1 Problema de Pesquisa

Como alcançar além da formação profissional e técnica, a formação integral humana dos nossos alunos tendo como ferramenta principal a aula?

1.2 Objetivo Geral

Desenvolver um produto educacional, no formato de um vídeo de apoio e consultivo que possibilite aos professores a elaboração de uma aula dialógica e principalmente a compreensão da aula como um espaço/tempo de formação humana.

1.3 Objetivos Específicos

Verificar se os discentes do curso de Licenciaturas do Campus IFSul Visconde da Graça têm conhecimentos construídos sobre a aula dialógica;

Averiguar se os alunos percebem a aula como um tempo-espaço de construção conjunta de conhecimento assim como o entendimento de que a aula é um espaço de construção não apenas de conhecimento, mas também de cidadãos.

Com foco nos objetivos acima está a produção de uma mídia digital no formato de um vídeo de consulta para que os professores consigam, a partir

desta mídia digital, elaborar um plano de aula a partir dos pressupostos freirianos de uma aula dialógica.

No primeiro capítulo foi apresentado a introdução, as justificativas, minha motivação, o objetivo geral e os objetivos específicos. No segundo capítulo tratarei da revisão de literatura a partir de publicações recentes do ano de 2023. No terceiro capítulo será apresentado o referencial teórico, o mesmo está dividido em três pilares que sustentam a formação integral humana, objetivo principal deste trabalho, sendo o primeiro Paulo Freire e a Escola apolítica, o segundo Paulo Freire e a aula dialógica e como terceiro trago Paulo Freire e o currículo. No quarto capítulo tratarei dos caminhos metodológicos seguidos no decorrer deste trabalho. No quinto capítulo será apresentado o produto educacional, produto este que busca atender o objetivo deste trabalho. No sexto capítulo apresento as considerações finais.

E, por fim, as referências bibliográficas utilizadas no decorrer desta dissertação, bem como os anexos e apêndices.

2. Revisão de Literatura

Para a realização da revisão de literatura foi utilizado o mecanismo de busca do Google Acadêmico, usando em um primeiro momento um intervalo de tempo de 3 anos (2020-2023) e os seguintes descritores: "Aula Freiriana", "Aula Dialogada Freiriana", "Aula Dialogada", "Plano de Aula Freiriano", "Ensino Freiriano", "Educação Libertadora" e "Aula" obtendo assim os seguintes resultados respectivamente: 12.200, 6.280, 23.700, 7.800, 10.400, 25.200 e 454.000. Reduzindo o período para apenas o ano corrente (2023) e utilizando os mesmos descritores: "Aula Freiriana", "Aula Dialogada Freiriana", "Aula Dialogada", "Plano de Aula Freiriano", "Ensino Freiriano", "Educação Libertadora" e "Aula" contabilizando assim os seguintes resultados respectivamente: 679, 388, 1.190, 443, 603, 1.350 e 7.050.

Para a revisão bibliográfica foi eleito o descritor "aula dialogada freiriana" e estudado os resumos de 200 dos 388 resultados obtidos na pesquisa no Google Acadêmico.

Após a leitura dos resumos dos trabalhos recentes, trago aqui oito artigos, que vem ao encontro da importância da aula dialogada como instrumento de emancipação do aluno e do desenvolvimento de cidadãos capazes de atuar ativamente para a transformação da sociedade.

Os artigos selecionados foram os seguintes: "O diálogo e a cooperação como recursos pedagógicos: uma revisão da prática na Escola Simão Ângelo em Penaforte/CE" (ALMEIDA e MATHIAS, 2023), "A Visão e Conclusões de Paulo Freire Sobre as Concepções Teóricas da Aprendizagem" (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2023), "Conhecendo os quelônios da Amazônia: uma proposta de sequência didática para o ensino contextualizado de Ciências" (SOUSA, SACHS e SILVA, 2023), "Enfoque CTS e a Pedagogia Freiriana na Abordagem Temática sobre a Água nos Componentes Curriculares de Ciências da Natureza do Ensino Médio" (MARQUES, 2023), "Um Estudo sobre a Abordagem da Linguagem Matemática no Ensino dos Conceitos Físicos" (SOUZA, SANTOS e FERNANDES, 2023), "Sentidos Atribuídos por Professores à Prática Docente em um Cursinho Popular" (RIBEIRO,

SANTEIRO e PEREIRA, 2023), “Abordagem Temática: um olhar para práticas pedagógicas no âmbito de estágios supervisionados em física” (PACHECO e MUNCHEN, 2023) e “Como Paulo Freire (me) Ajuda a Trabalhar no Ofício de Professor Formador” (FORTUNATO, 2023).

Tabela 1: Relação dos trabalhos consultados

Título	Autor	Fonte	Ano
O diálogo e a cooperação como recursos pedagógicos: uma revisão da prática na Escola Simão Ângelo em Penaforte/CE	Raniere de Carvalho Almeida; Jeniffe Tayane Fernandes Matias	Revista Educação Pública	2023
A Visão e Conclusões de Paulo Freire Sobre as Concepções Teóricas da Aprendizagem	Jocirley de Oliveira; Thatiany Milhomem Timóteo de Oliveira	Facit Business and Technology Journal	2023
Conhecendo os quelônios da Amazônia: uma proposta de sequência didática para o ensino contextualizado de Ciências	Ana Caroline Silva Sousa; Juliane Priscila Diniz Sachs; Ronaldo Adriano Ribeiro da Silva	Revista Insignare Scientia - RIS	2023
Enfoque CTS e a Pedagogia Freiriana na Abordagem Temática sobre a Água nos Componentes Curriculares de Ciências da Natureza do Ensino Médio	Lisiane das Neves Marques	OPEN SCIENCE RESEARCH X	2023
Um Estudo sobre a Abordagem da Linguagem Matemática no Ensino dos Conceitos Físicos	Eliei Silva Souza, Danilo Lopes Santos e Geraldo Wellington Rocha Fernandes	Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas	2023
Sentidos Atribuídos por Professores à Prática Docente em um Cursinho Popular	Guilherme Faria Ribeiro; Tales Vilela Santeiro; Helena de Ornellas Sivieri Pereira	Revista de Educação Popular	2023

Abordagem Temática: um olhar para práticas pedagógicas no âmbito de estágios supervisionados em física	Lucas Carvalho Pacheco e Cristiane Muenchen	Revista Insignare Scientia - RIS	2023
Como Paulo Freire (me) Ajuda a Trabalhar no Ofício de Professor Formador	Ivan Fortunato	Boletim de Conjuntura (BOCA)	2023

Fonte:

Descrição dos trabalhos selecionados

O artigo intitulado “O diálogo e a cooperação como recursos pedagógicos: uma revisão da prática na Escola Simão Ângelo em Penaforte/CE”, tem como objetivo destacar o diálogo e a cooperação como recursos pedagógicos e como resultado conclui-se que o diálogo e a cooperação são aspectos sociopedagógicos úteis ao processo de ensino-aprendizagem, por contribuírem com a formação integral dos escolares. Enxerga-se o diálogo e a cooperação como caminhos para a aproximação dos discentes no mundo do conhecimento, agregando valores essenciais à vida, tornando-os cidadãos críticos e participativos no meio em que vivem/convivem socialmente. Isso os torna sujeitos de direito, capazes de criticar a realidade da qual fazem parte.

O segundo artigo, “A Visão e Conclusões de Paulo Freire Sobre as Concepções Teóricas da Aprendizagem”, tem como objetivo apresentar a visão e conclusões de Paulo Freire sobre as concepções teóricas da aprendizagem e a partir da pesquisa inferiu-se que a visão e concepções teóricas da aprendizagem freiriana são profundamente influentes na educação atual. Suas ideias revolucionárias sobre a educação como um processo de construção coletiva do conhecimento, contextualizada, significativa, libertadora e crítica, transformaram a forma como a educação é vista em todo o mundo.

O terceiro artigo, “Conhecendo os quelônios da Amazônia: uma proposta de sequência didática para o ensino contextualizado de Ciências”, apresenta como objetivo uma proposta de sequência didática, voltada à construção de

conhecimentos de biologia e à sensibilização quanto à questão ambiental, a partir de uma problemática referente à conservação e preservação das espécies de quelônios da região do Xingu. Como resultado, entende-se que a sequência didática poderá contribuir para o letramento científico, uma vez que possibilita aos educandos atribuir sentido ao conhecimento construído e suscitar o desenvolvimento de uma visão crítica de totalidade, pois viabiliza a integração dos saberes vivenciais com os conhecimentos científicos contextualizados que envolvem questões políticas e ambientais acerca do patrimônio biológico do Brasil. Conclui-se ainda que a sequência didática pelos seus princípios teórico-metodológicos, a sua organização e atividades propostas apresentam potencial de aplicabilidade para outros contextos, pois podem ser adaptados para diversas realidades culturais.

O quarto artigo, “Enfoque CTS e a Pedagogia Freiriana na Abordagem Temática sobre a Água nos Componentes Curriculares de Ciências da Natureza do Ensino Médio” apresenta como objetivos estruturar uma investigação temática sobre “Ciências da Natureza no estudo do uso sustentável da água” de acordo com a dinâmica didático-pedagógica dos 3MP e refletir sobre os potenciais contribuições para o ensino-aprendizagem e entendeu-se que a partir do desenvolvimento da abordagem temática sobre “Ciências da Natureza no estudo do uso sustentável da água” foi possível que os estudantes mobilizassem conhecimentos e elaborassem ações de protagonismo, voltadas para uma visão humanizadora, dialógica e libertadora, conforme expressam as bases do pensamento pedagógico de Freire. Ao refletirem sobre o tema os discentes desenvolveram conhecimentos e atitudes de responsabilidade social sobre assuntos relacionados com Ciência e Tecnologia. O envolvimento discente nas atividades propostas pode sinalizar que os 3MP auxiliaram na construção de um currículo mais significativo aos educandos.

O quinto artigo consultado, “Abordagem Temática: um olhar para práticas pedagógicas no âmbito de estágios supervisionados em física, objetiva investigar os trabalhos publicados no Encontro Nacional da Pesquisa em Ensino de Ciências – ENPEC”, nas edições dos anos de 1997 até 2021, sobre as características da Matemática no Ensino de Física e a pesquisa apresentou

o seguinte resultado: em relação aos trabalhos publicados nos anais do ENPEC, foi observado uma baixa quantidade de publicações relacionadas a “Matemática no Ensino de Física”, evidenciando que é uma temática pouco explorada e que precisa estar mais presente nos próximos eventos, devido a sua importância para o Ensino de Ciências.

O sexto artigo, “Sentidos Atribuídos por Professores à Prática Docente em um Cursinho Popular”, apresenta como objetivo compreender os sentidos atribuídos por professores de um cursinho popular às suas experiências como formadores e como resultado percebeu-se que os professores enfrentam dificuldades na didática em sala de aula e na efetivação da política de ação afirmativa diante da lógica de “aprovações”.

O penúltimo artigo, “Abordagem Temática: um olhar para práticas pedagógicas no âmbito de estágios supervisionados em física”, objetiva aprofundar as discussões sobre a perspectiva da Abordagem Temática na formação inicial de professores de física, especialmente no contexto dos estágios supervisionados obrigatórios a partir da pesquisa constatou-se que a prática educativa na perspectiva da Abordagem Temática auxiliou no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, além de auxiliar os licenciandos no reconhecimento dos educandos enquanto sujeitos e no desenvolvimento de uma visão realista do contexto escolar.

O oitavo e último artigo, “Como Paulo Freire (me) Ajuda a Trabalhar no Ofício de Professor Formador”, tem como objetivo tecer junto ao campo da formação docente, com os ensinamentos de Paulo Freire e com a reflexão/inflexão da experiência, um ensaio apresentado em três seções. Primeiro, delinea-se experiência como constructo epistemológico do qual se apresenta uma experiência vivida como professor formador a ser investigada. Na sequência, os efeitos residuais da experiência apresentada são colocados em evidência para análise. Por fim, há uma discussão sobre como essa experiência se insere (interfere, incomoda, catuca) na formação de professores como prática, como campo de pesquisa e como política, incluindo um retorno a Paulo Freire, que jamais deixou de esperar por outra educação, logo, outro mundo. A partir deste ensaio concluiu-se que devemos acreditar na docência

como uma profissão que: (I) tem muito mais a ver com sonhar com outras realidades, mais afetivas e menos odientas, mais circunstancial e menos pragmática, mais humanizada e menos malvada; (II) pode se distanciar do pragmatismo que mata a utopia, tornando-se crítica e libertadora; e (III) o meio mais profícuo de manter acesso tal sonho é o diálogo, mas a conversação de fato, na qual todos se ensinam e todos aprendem.

Os artigos consultados reforçam a ideia de Freire da importância de além do diálogo trazer a investigação, tematização e a problematização para a sala de aula.

Trago também falas sobre os “3 Momentos Pedagógicos” (3MP), título este dado por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) aos momentos que Freire apresenta em sua pedagogia libertadora, bem como, artigos que nos remetem ao pensamento freiriano no que diz respeito à elaboração do currículo levando em consideração as temáticas que fazem parte do dia a dia e do contexto de vida dos estudantes.

De acordo com Almeida e Matias,

o conhecimento empírico ou a experiência de vida dos alunos e dos professores deve ser considerado pela escola, sendo socializado entre os seus sujeitos, não sendo visto como algo insignificante, mas como um recurso de aprendizagem, que possibilite o fortalecimento dos vínculos socioafetivos e educacionais. (2023, p.1)

Também visito autores que, como Freire, acreditam e defendem que o processo de ensino aprendizagem deve se estabelecer em um ambiente de companheirismo, empatia, valorização e afeto além de respeito entre todos os envolvidos no processo educacional.

Almeida e Matias destacam,

que na contemporaneidade, escolares jovens e até mesmo adultos estão cada vez mais distantes uns dos outros. Falta companheirismo, gratidão e outros elementos inerentes ao ser humano. O diálogo e a cooperação tornam-se essenciais para a ocorrência de mudanças significativas na vida dos sujeitos.

Os discentes devem ser acolhidos e respeitados em suas particularidades pela escola e seu corpo docente, que passarão a cumprir um papel mais que formativo: humanitário. A compreensão da realidade é o primeiro passo para a construção do conhecimento. O educando é sujeito de transformação em um processo dialógico (Bueno, 2002 *apud* ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p.1).

Os autores apresentados nesta revisão de literatura corroboram com Paulo Freire no que diz respeito ao diálogo destacando sua importância no processo de ensino aprendizagem assim como na formação integral humana.

De acordo com Almeida e Mathias,

dialogar sobre a experiência de vida dos discentes e seus valores é o primeiro passo para a construção de um projeto de ensino pautado no prazer de ser, viver e fazer. Os discentes devem ser acolhidos e respeitados em suas particularidades pela escola e seu corpo docente, que passarão a cumprir um papel mais que formativo: humanitário. (2013, p.1)

“A compreensão da realidade é o primeiro passo para a construção do conhecimento. O educando é sujeito de transformação em um processo dialógico” (BUENO, 2002 apud ALMEIDA e MATIAS, 2023, p. 1).

Como afirma Freire sobre o diálogo para a prática libertadora,

nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (2009 apud ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p.1)

Almeida e Mathias defendem que,

a escola do século XXI não é vista como retórica presa ao tradicionalismo, mas como um espaço de construção e difusão do conhecimento, que tende a fortalecer seus membros e toda a sociedade, já que busca formar sujeitos crítico-reflexivos, autônomos e participativos, capazes de enfrentar os desafios presentes na humanidade. Os alunos, como seres sociáveis, querem ser ouvidos e valorizados em sua essência. A escola pode ser um ambiente propositivo, onde busquem externalizar seus anseios e sentimentos, sendo reconhecidos como sujeitos. Há casos quando o único espaço que dispõem para expor sua situação e buscar apoio e refúgio é o espaço de fala. (2023, p. 2)

Segundo Tuan,

apesar de todos os indivíduos estarem inseridos em um mesmo “lugar”, a exemplo da escola, cada um tem a sua percepção e a sua cultura. A variedade sociocultural, existente no meio escolar, agrega maior valor e significação ao indivíduo, requerendo uma maior atenção a ele por parte do seu conjunto. É um fator precípua que pode ampliar o diálogo e a cooperação entre todos os agentes. (1980 apud ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p. 2)

Para Gadotti,

o diálogo permanente entre discentes e docentes tem se apresentado como um caminho viável, para que o ato educativo se torne significativo e alcance seu objetivo: preparar o sujeito para construir a sua existência. A relação dialógica entre educador e educando traduz a comunhão educativa e a libertação existencial. (1989 *apud* ALMEIDA e MATIAS, 2023, p. 2)

De acordo com Freire, “só a educação é capaz de libertar os sujeitos, tornando-os autônomos, capazes de desbravar a vida por meio do conhecimento” (1980 *apud* ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p. 2).

Ainda de acordo com Freire,

escola possui um papel fundante nesse sentido, a saber, aproximar alunos, professores e toda a comunidade escolar, de modo a fortalecer o processo de ensino aprendizagem, que se consolida havendo comunicação e colaboração permanente. Pois, quando um aluno se aproxima do professor, ele se sente mais acolhido e motivado, inclusive para dialogar, sendo capaz de revelar suas dificuldades ou de buscar apoio. A sua confiança e autoestima se elevam. (1980 *apud* ALMEIDA e MATIAS, 2023, p. 2)

Alves afirma que,

os docentes devem buscar a aproximação com os discentes, especialmente, com aqueles que de alguma forma apresentam dificuldades comportamentais e/ou de aprendizagem, pois eles passam a desempenhar o papel de educadores, mediadores de esperanças. (1989 *apud* ALMEIDA e MATHIAS, 2023)

Para Almeida e Mathias,

o diálogo proporciona a aproximação entre alunos e professores, despertando o sentimento de pertencimento, aumentando a capacidade de agir, com presteza e ética, reconhecidamente capaz de enfrentar os desafios impostos pela vida. (2023, p. 2)

Segundo Freire, “o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (1980, *apud* ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p. 4).

Com a cooperação e o diálogo constantes entre discentes e docentes, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais instigante, prazeroso e, ao mesmo tempo, inclusivo, por abranger a todos. O conhecimento compartilhado passa a ser mais significativo entre os discentes, que geralmente compactuam diferentes ideias. (ALMEIDA e MATIAS, 2023, p. 2)

Conforme Bueno, “a palavra figura como um instrumento criador e transformador da realidade” (2002 *apud* ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p. 2).

Segundo Sánches e Gamboa,

Freire desenvolveu conceitos fundamentais para a educação, como o diálogo, a conscientização, a problematização e a ação-reflexão. O

diálogo é visto por ele como uma forma de comunicação que envolve reciprocidade, respeito e abertura à compreensão do outro. Por sua vez, a conscientização, é a tomada de consciência crítica da realidade, de forma a tornar possível a transformação dessa realidade. A problematização consiste em colocar em questão as situações e realidades vividas, questionando-as e buscando alternativas para superá-las. A ação-reflexão é a prática consciente, acompanhada de uma reflexão crítica sobre os resultados obtidos. (2004 *apud* OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2023, p. 108)

Sánches e Gamboa, Freire defende que,

a educação deve estar voltada para a libertação, para a transformação da realidade e para a formação de sujeitos críticos e autônomos. Para isso, é necessário que sejam utilizados métodos pedagógicos que levem em consideração a realidade dos alunos, respeitando sua autonomia, suas experiências e seus saberes prévios. (2004 *apud* OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2023, p. 109)

Diante do exposto Sánches e Gamboa afirma que,

a visão freireana sobre a relação entre teoria e prática na educação é fundamental para uma educação libertadora e transformadora. Suas concepções e conceitos, como o diálogo, a conscientização, a problematização e a ação-reflexão, são fundamentais para orientar uma prática pedagógica que considere a realidade dos alunos e possibilite a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. a teoria é um elemento fundamental para a compreensão da realidade e para a transformação social. Para ele, a teoria é um processo de reflexão crítica sobre a realidade, que busca compreender suas contradições e conflitos, e que aponta caminhos para superá-los. (2004 *apud* OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2023, p. 108)

Para Freire, segundo Oliveira e Oliveira,

o diálogo é mais do que uma simples conversa entre duas pessoas, é uma forma de interação social que envolve reciprocidade, respeito, empatia e abertura à compreensão do outro. É uma relação horizontal, em que ambos os interlocutores são sujeitos ativos na construção do conhecimento. (2023, p. 111)

Segundo Coelho,

o diálogo é visto como uma forma de comunicação que possibilita a conscientização crítica da realidade. Isso significa que, por meio do diálogo, é possível perceber as contradições e os conflitos presentes na sociedade e, a partir disso, buscar soluções e alternativas para transformá-la. (2001, *apud* OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2023, p. 111)

Oliveira e Oliveira afirmam que,

para que o diálogo seja realmente efetivo, é necessário que haja uma escuta atenta e sensível por parte dos interlocutores. Isso significa que eles devem estar abertos para compreender o ponto de vista do outro, sem julgamentos ou preconceitos. O diálogo exige uma atitude

de humildade e respeito pelo outro, reconhecendo-o como sujeito capaz de contribuir com suas experiências e saberes. Nessa perspectiva, o diálogo é fundamental para a construção de uma educação libertadora e transformadora. Por meio do diálogo, é possível criar espaços de reflexão crítica sobre a realidade, em que os alunos são estimulados a pensar de forma autônoma e a buscar soluções para os problemas sociais. (2023, p.111)

De acordo com Jorge,

inspirado na teoria freiriana, o diálogo caminha ao lado da fé, legitimando a transparência do ato educativo, caracterizando-o como uma atitude séria em defesa das convicções pessoais do sujeito. Esses preceitos referenciais devem convergir para uma práxis pedagógica pautada no respeito mútuo e na seriedade, uma congruência perfeita a proporcionar a formação crítica de discentes e docentes. (1981 *apud* ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p. 4)

Freire destaca que:

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se, ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. (1980 *apud* ALMEIDA e MATHIAS, 2023, p. 4)

Em síntese, e segundo Coelho,

o diálogo, na visão freiriana, é uma forma de interação social que possibilita a construção do conhecimento e a conscientização crítica da realidade. É um instrumento fundamental para a construção de uma educação libertadora e transformadora, em que os alunos são sujeitos ativos na construção do conhecimento e na transformação da sociedade. (*apud* OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2023, p. 111)

Os autores presentes neste estudo do estado da arte salientam, assim como Freire, a importância do protagonismo de todos os participantes do processo de ensino aprendizagem, bem como a importância do espaço escolar na formação de cidadãos assim como a relevância de um currículo elaborado a partir da realidade da comunidade acadêmica.

Almeida e Matias destacam que

no ambiente escolar, a cooperação possibilita, tanto para os alunos como para os professores, um novo olhar sobre o ato de ensinar e aprender, rompendo com o aspecto competitivo e partindo para um plano colaborativo, onde todos são protagonistas (2023, p.4)

Para Pacheco e Muenchen,

a realização de uma prática educativa humanista-libertadora, como a defendida e proposta pelo educador Paulo Freire, pressupõe o entendimento do espaço escolar como um espaço formado por sujeitos, não por memorizadores de equações e conceitos. Desta forma, a escola deve ser vista como um espaço plural e democrático que busca uma formação para a cidadania, desenvolvendo nos estudantes uma visão crítica e realista das problemáticas locais e globais, de ordem econômica, política e social. (2023, p. 341)

Fortunato (2023) é convicto de que nenhum currículo sabe o que é fundamental ser aprendido, pois o currículo além de inerte é indiferente à vida das pessoas colocadas em contato com ele, tendo que (ao menos temporariamente) dominá-lo, nem que seja pela metade.

Fortunato, defende,

o que chama de Didática Circunstancial a qual não se trata de ensinar (depositar, diria Paulo Freire) qualquer coisa aos estudantes e esperar que memorizem e se saiam bem nas avaliações; pelo contrário, trata de envolver todo mundo, professor inclusive, em diálogos sobre os saberes que se impõem pelo currículo em cada disciplina, permitindo e possibilitando que sejam analisados para, então, se decidir se são efetivamente importantes para as pessoas envolvidas no processo pedagógico, ou se diferentes saberes serão incluídos.

Ao tomar a circunstancialidade como mediação, nenhuma aula passa a ser a mesma, nenhuma atividade educativa se torna a mesma e, pelo menos para o pequeno coletivo que se estabelece com alguns estudantes de licenciatura e seu professor formador, o contexto da educação se torna outro, diferente do habitual modelo bancário.

Claro que o rompimento com o *status quo* nas aulas não abala a manutenção das coisas. Não é possível ser pretensioso a ponto de acreditar que uma prática pedagógica dialogada, livre de opressão, crítica e inclusiva seja capaz de promover a liberdade do sistema; mas é um pequeno passo. (2023, p.179)

Segundo Freire,

reconhecer que o sistema atual não inclui a todos, não basta. É necessário precisamente por causa deste reconhecimento lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com a qual “nada há que fazer, a realidade é assim mesmo. (2000, *apud* FORTUNATO, 2023, p.180)

Para Fortunato,

voltar à Paulo Freire, buscando no seu legado, na sua trajetória, nos seus ensinamentos é voltar-se a formas de conexão com a utopia de um mundo melhor. Utopia porque não se trata de enganar a si e aos outros de que a prática educativa pelo diálogo transforma o mundo. Por isso, mesmo essa prática é também uma prática de esperança, pois, se a resistência desaparece por completo, também com ela se vão as possibilidades de mudanças. Reconhecer que a esperança é necessária e insuficiente é fundamental para se decidir se o caminho escolhido para a docência é o da convicção já estabelecida, de se seguir depositando saberes arbitrários nos estudantes, ou se a

convicção é outra: tomar a circunstancialidade de cada momento educativo como oportunidade de diálogo.(2023, p. 180)

Segundo Pelandré,

a pedagogia de Paulo Freire (1987), aprender não é o educador transferir “conhecimentos imobilizados para que o aprendiz mecanicamente memorize”, mas apreender requer a aprendizagem da “substantividade do conteúdo, do objeto cognoscível”, que se faz por meio da prática educativa como um processo dialético de conhecer. (2014 *apud* SOUZA, SACHS e SILVA, 2023, p. 505)

De acordo com Feitosa; Freire; Urel,

o método de Paulo Freire compreende uma investigação temática em que o professor busca conhecer as vivências dos educandos, aproximando-as dos conteúdos científicos, de modo a provocar o seu engajamento. A partir disso, por meio da tematização e da problematização, o professor conduz o educando à superação das impressões primeiras, de senso comum, visões ingênuas, para a produção de uma visão crítica, sistematizada e científica do mundo e da cultura humana, que é capaz de transformar o contexto vivido.(1999, 1987, 2022 *apud* SOUZA, SACHS e SILVA, 2023, p. 506)

De acordo com Souza, Sachs e Silva, “ao longo de décadas pesquisadores estudaram e desenvolveram propostas para colocar em prática o método de Freire. na educação formal” (2023, p. 506).

Delizoicov, Angotti e Pernambuco criaram,

os Três Momentos Pedagógicos (3MP), um tipo de abordagem temática fundamentada em aportes freirianos, como a dialogicidade e a problematização, na qual o educador atua mediando a conexão entre os conteúdos científicos e a realidade do cotidiano do educando. (2002 *apud* SOUZA, SACHS e SILVA, 2023, p. 506)

Segundo Santos,

o trabalho de Freire (1970) denunciou o processo de opressão que define a sociedade capitalista e, a partir da concepção marxista, Freire propunha uma educação libertadora em que o educando pudesse tomar consciência da sua situação existencial e pudesse agir sobre ela para transformá-la em direção à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A educação dialógica possibilita a liberação do oprimido, enquanto a educação que Paulo Freire denominou de “bancária”, é a educação dos opressores que mantém o processo de opressão. Na educação para a liberdade, proposta por Freire, a palavra não é mero pensamento expresso, é práxis, ação transformadora no mundo e do mundo e o diálogo não é o que impõe, o que maneja, mas o que desvela a realidade. A partir do diálogo é possível problematizar a realidade. (2008 *apud* MARQUES, 2023, p. 947)

Delizoicov et al., “apoiados nos estudos de Freire, elaboraram uma didática a partir do 3MP, para organizar a prática docente para que o aluno se aproprie dos conhecimentos científicos” (2011 *apud* MARQUES, 2023, p. 946).

Ainda de acordo com Delizoicov et al., os 3MP possuem as seguintes características:

1º momento é a problematização inicial, nessa etapa se apresentam questões para discussão com os alunos, visando relacionar o estudo de um conteúdo com situações reais que eles conhecem, mas que não conseguem interpretar completa ou corretamente porque provavelmente não dispõem de conhecimentos científicos suficientes. Nesse momento se conhece as ideias dos estudantes sobre o tema, fazendo-se perguntas e lançando-se dúvidas que serão respondidas no próximo momento.

No 2º momento de acordo com Marques (2023) ocorre a organização do conhecimento, os conhecimentos necessários para a compreensão do tema e da problematização inicial são estudados com orientação do professor. São propostas várias atividades para o aprofundamento de conceitos científicos sobre a temática.

Sendo o 3º momento a aplicação do conhecimento no qual se aborda o conhecimento que vem sendo incorporado pelo aluno para analisar e interpretar tanto as situações propostas. Nesta etapa os alunos articulam os conceitos científicos com as situações reais. (2011, *apud* MARQUES 2023, p. 953)

Delizoicov, Angotti e Pernambuco afirmam que,

o conhecimento até então trabalhado é sistematicamente abordado pelo educando, que tendo por base o suporte teórico da ciência, identifica conceituações para explicar, compreender, analisar e interpretar as situações-problemas iniciais ou de outras situações que podem ser compreendidas a partir dos conhecimentos que produziram, buscando a generalização de conceituações e formulação de novos problemas. Para esse momento, o educador também pode propor os mais variados tipos de atividades. (2002, *apud* SOUZA, SACHS e SILVA, 2023, p. 506)

Esta proposta segundo Marques “está alicerçada na educação problematizadora e dialógica que promove a transformação da maneira de agir, pressupostos do educador Paulo Freire” (2023, p. 953), de modo que:

Tais propostas encontram-se associadas a concepções progressistas de educação, as quais colocam em prioridade no debate educacional a elaboração de propostas pedagógicas que almejam a construção da cidadania e o exercício de princípios de justiça social aspirando à transformação da sociedade. Essas concepções, quando apoiadas

nos pressupostos freirianos, consideram a prática didática da educação problematizadora e dialógica como uma exigência metodológica e presumem a expressão dos homens perante o mundo (PANIZ et al. 2018 *apud* MARQUES 2023, p. 953).

Os 3MP, como metodologia de sala de aula, são utilizados como forma para explicar conceitos científicos e também como estruturantes de currículos. Quando os conceitos científicos são abordados a partir da compreensão de um tema, há valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, os quais são entendidos como ponto de partida para a construção do conhecimento científico. (FERREIRA, PANIZ e MUENCHEN, 2016 *apud* MARQUES, 2023, p. 953).

Para Paniz,

desta forma, os conhecimentos científicos são trabalhados a partir do estudo da realidade da vida dos educandos, investigando as contradições sociais da comunidade ao entorno da escola, propondo problematizações, fortalecendo o processo de ensino/aprendizagem e estimulando a cultura de participação. Além disso os estudantes apresentam maior interesse, participação e interação com os professores quando se envolvem. (2018 *apud* MARQUES, 2023, p. 953)

Menezes e Santiago salientam que,

a metodologia de ensino pautada na educação tradicional traz o professor como detentor do conhecimento, ministrando aulas basicamente expositivas que abordam um extenso conteúdo que não faz ligação com a realidade do aluno. Devido a toda essa problemática, ocorre uma grande dificuldade na aprendizagem do aluno, reproduzindo o que foi ensinado em sala de aula, tornando o seu processo formativo passivo, ocasionando uma evasão nas disciplinas de Ensino de Ciências.

Em contrapartida, surge a educação libertadora, criada por Paulo Freire, que vai contra a concepção da educação bancária. Esta teoria faz com que o aluno se transforme em um ser participativo, tornando-se protagonista da construção do seu próprio conhecimento que se dá de forma crítica, com abordagens de cunho social e político. Nesse modelo têm-se uma participação efetiva de ambas as partes, educando e educador, que cooperam entre si para que haja uma construção na aprendizagem, gerando um diálogo democrático nos diferentes espaços (MENEZES; SANTIAGO, 2014; SCHRAN; CARVALHO, 2011 *apud* SOUZA, SANTOS e FERREIRA, 2023, p. 6).

De acordo com Brighente e Mesquida, desse modo

vemos que o desobediente nunca é o educador, mas, sim, o educando, aquele que precisa ser ensinado a não violar as regras impostas. Entendemos que o professor irá “depositar” (vem daí a ideia de “bancária”) os conteúdos em suas cabeças, como se fossem recipientes a serem preenchidos. A educação bancária não é

libertadora, mas, sim, opressora, pois não busca a conscientização de seus educandos.

A partir de um diálogo democrático, o educando e educador constroem uma educação transformadora, pautada em uma relação de respeito onde será necessária a participação de todos de forma dialética.

A liberdade de expor ideias e discuti-las em sala de aula é capaz de promover mudanças na aprendizagem, respeitando o processo formativo de cada um por meio das discussões em grupos, podendo proporcionar uma evolução na aprendizagem do aluno.

O diálogo faz com que o sujeito desperte um olhar crítico, que será construído em sala de aula, tornando o sujeito independente, causando mudanças em sua realidade social (MENEZES; SANTIAGO, 2014; SCHRAN; CARVALHO, 2011 *apud* SOUZA, SANTOS e FERREIRA, 2023, p. 6).

Menezes e Santiago,

o diálogo é a condição de existir humanamente; com ele, os seres humanos se solidarizam, refletem e agem juntos como sujeitos no mundo que querem transformar, humanizar.

No entanto, para que a escola libertadora aconteça de fato, é necessário que o professor esteja aberto para uma perspectiva dialógica para construir o conhecimento com os alunos, onde suas principais vertentes sejam baseadas na prática de um diálogo entre todos os sujeitos.

A comunidade escolar deve estar inserida em todo processo de ensino e aprendizagem, estabelecendo vínculos que proporcionem um diálogo crítico e reflexivo para que haja uma construção coletiva do conhecimento, expondo novos horizontes na realidade social em que os sujeitos estão inseridos, onde a principal pauta é o sistema educacional comprometido com o ensino democrático. (2014 *apud* SOUZA, SANTOS e FERREIRA, 2023, p. 7)

Para Ribeiro, Santeiro e Pereira,

a didática de Freire sustenta-se por três bases: a realidade concreta do educando, do educador, da escola e do momento social em que se vive; o diálogo como método de libertação, que deve acontecer entre o educando e o educador; e a politicidade do ato educativo, ou seja, todo ato pedagógico é um ato político.

Todos esses fatores são importantes na construção de atos transformadores. Ainda que essa discussão esteja alocada neste Eixo Temático, que aborda o olhar do professor sobre a sua atuação como formador, não se pode negar que falar sobre didática em Freire é incluir a relação com o aluno, que é dialógica e íntima entre educando e educador. (2023, p. 240)

Nesse sentido, Freire defende,

o “pensar certo” ao colocar para o professor e para a escola o dever de não só respeitarem os saberes com que os educandos chegam à escola – sobretudo os das classes populares, que são socialmente construídos na prática comunitária – mas, também, discutir com os alunos a experiência desse saber com o ensino dos conteúdos.

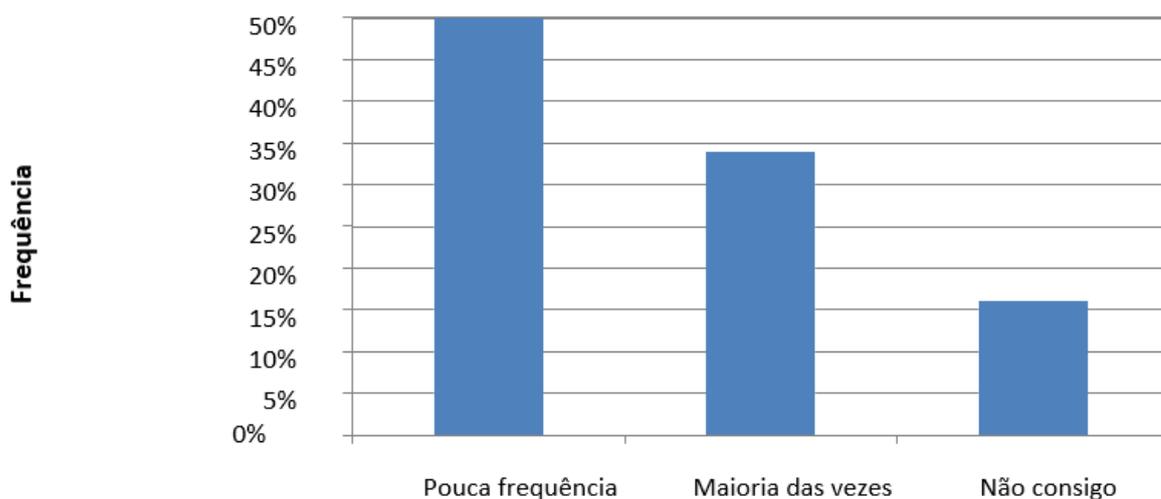
Por que não discutir com os alunos a realidade concreta em que vivem, associando à disciplina cujo conteúdo se ensina? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como sujeitos? (1996 *apud* RIBEIRO, SANTEIRO e PEREIRA 2023, p. 240)

Rosa e Souza afirmam que,

o educador dialógico precisa entender que a contextualização parte das vivências dos educandos, ao passo que os temas geradores são identificados, por meio do diálogo constante, o que cria possibilidades para que o educando possa se expressar e, junto ao professor, construir o conteúdo, para a aquisição de novos saberes.

Nessas propostas pedagógicas, o professor assume o papel de mediador entre o aluno e a aprendizagem, tornando-se o facilitador, o incentivador, desempenhando um novo papel: o de orientador das atividades do aluno. (2023, p. 6)

Figura 1 - Relação associação conteúdo X vivências dos estudantes



Fonte:

Na Figura 1, nota-se que a maioria dos estudantes afirmou ter dificuldades em relacionar os conteúdos às suas vivências.

Como podemos visualizar no gráfico acima, 50% dos alunos poucas vezes conseguem relacionar o conteúdo estudado com suas vivências; 34% dos alunos conseguem relacionar na maioria das vezes o conteúdo visto na

sala de aula com suas vivências e 16% não conseguem fazer essa relação nunca.

Ainda segundo Rosa e Souza,

a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) visa orientar as construções do currículo e das propostas pedagógicas das instituições de ensino brasileiras, frisa que o ensino das ciências tem um compromisso com o letramento científico, estimulando os estudantes a compreender e a interpretar o mundo em que vive, para transformá-lo, com base nos conhecimentos teórico e prático e na diversidade do conhecimento científico, exercendo seus papéis de cidadão. Não basta que os conteúdos sejam assimilados, pelos alunos; eles devem ser significativos para a vida deles, diante do propósito de desenvolver competências e habilidades, para que estes sejam melhores cidadãos. (2023, p.1)

De acordo com Bueno,

a dialogicidade auxilia alunos e professores a compreender a realidade e a construir conhecimentos alicerçados na sua experiência de vida, tornando-os sujeitos de transformação, capazes de modificar suas ações e de refletir diariamente. Sua teoria referencia Freire, em cuja base está o pensamento humano como possibilidade de alicerçar uma visão de mundo libertadora, com sujeitos capazes de pensar e comunicar. (2002, *apud* ALMEIDA e MATIAS, 2023, p. 4)

Segundo Garcia e Matos Jr.,

o desenvolvimento de habilidades como a reflexão requer dos sujeitos, a exemplo dos escolares, respostas para diferentes questões, sendo necessária a opinião, a avaliação, a análise e a síntese, aspectos que favorecem a aprendizagem e o respeito às opiniões, considerando hipóteses distintas. O estímulo à resolução de problemas desenvolve o pensamento crítico para a análise e para a compreensão conceitual.

O incentivo à comunicação dialógica no meio escolar torna os discentes habilidosos para a fala, a escuta, a repetição e o contato visual. Isso contribui para uma melhor resolução de situações-problema com os quais, discentes e docentes, se deparam durante o fazer pedagógico. Um exemplo é o emprego do diálogo e da leitura na resolução de questões presentes, por exemplo, nas avaliações internas e externas. (2008 *apud* ALMEIDA e MATIAS, 2023, p. 4)

Fortunato considera que

como professor formador de professores, ao assumir a posição progressista e de resistência, além de escrever e falar sobre Paulo Freire e esse embate contrário ao que está posto, tenho buscado o que se pode chamar de outra educação. (2023, p. 178)

Essa outra educação dialoga diretamente com a convicção expressa na epígrafe (Reconhecer que o sistema atual não inclui a todos, não

basta. É necessário precisamente por causa deste reconhecimento, lutar contra ele e não assumir a posição fatalista forjada pelo próprio sistema e de acordo com a qual “nada há que fazer, a realidade é assim mesmo”: não se trata de falar para os outros o que (supostamente) se é mais capacitado para falar. Não se trata de depositar envelopes de (supostos) saberes. Não se trata de preparar as pessoas para os exames que terão que enfrentar no futuro, mostrando-se superiores aos demais. (FREIRE, 2000 *apud* FORTUNATO, 2023)

Para Fortunato,

a educação tem o papel fundamental de nos tornar melhores como pessoas, como seres que coabitam o planeta com outras pessoas e muitas outras espécies e formas de vida. E acredito, plenamente, que não é possível fazer isso com uma educação que vem pronta e acabada, de fora, gerada e gerenciada dentro do mesmo modelo de mundo ao qual se quer resistir. (2013, p. 179)

Fortunato conclui que “a educação é aquela forjada no diálogo, na conscientização, na mediação entre quem educa e quem é educado, produzindo saberes novos nesse encontro entre diferentes” (2023, p. 179).

3. Referencial Teórico

Como base para este trabalho sobre aula dialógica, trago Paulo Freire que em toda sua trajetória contribuiu de forma enfática e ativa para a importância da escola na transformação da sociedade buscando sempre a emancipação do humano, sua autonomia e a libertação dos oprimidos.

Ressalto também a certeza de Paulo Freire de que não existe Educação apolítica, quem assim o diz já está sendo em alguma medida político também.

De acordo com Guerra e Gomes,

o método de ensino proposto por Paulo Freire, consubstanciado em uma pedagogia emancipatória, busca incentivar o educando a refletir sobre a sua própria história e sobre o seu lugar na sociedade. Freire entende que a educação tem um papel primordial nas transformações sociais necessárias para se chegar a uma sociedade mais justa e humanizada. A partir da reflexão chega-se à consciência social e, por conseguinte, a uma sociedade onde todos tenham as mesmas oportunidades, reduzindo as desigualdades sociais existentes. (2020, p.7)

Ainda segundo Guerra e Gomes,

a pedagogia libertadora de Paulo Freire traz à tona questões relacionadas ao método aplicado na educação brasileira, que privilegia uma classe dominante em detrimento da outra. O renomado autor se posiciona contra essa forma de educação unilateral, que transforma o mundo da sala de aula em um ambiente quase hostil, no

qual os alunos são meros expectadores a absorver tudo o que os professores, por imposição de um conteúdo programático previamente estabelecido, são obrigados a reproduzir. (2020, p.8)

Para Freire,

um dos seus objetivos fundamentais, mesmo que dele não estejam advertidos muitos do que a realizam, seja dificultar, em tudo, o pensar autêntico. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro. (1983, p. 73 *apud* GUERRA e GOMES, 2020 p. 8)

Para Freire, os professores que seguem a “cartilha” da educação bancária sem incentivar e estimular os alunos a serem um dos protagonistas no processo de ensino e aprendizagem e sim receptores do conhecimento que eles detêm, utilizando avaliações que buscam que o aluno uma vez memorizado o que foi transmitido apenas transcreva o conteúdo para a folha sem nenhuma reflexão, questionamento ou construção de conhecimento acabam influenciando esses alunos a serem também espectadores em suas vidas, pessoas que acabam acreditando que não depende delas a mudança em sua realidade individual, bem como, na realidade coletiva, que a sociedade é assim desde que o mundo existe e que eles já nascem com seus destinos traçados.

Trago no referencial teórico três pilares que são pontos relevantes os quais Freire destaca em suas obras, são eles: a escola apolítica, a aula dialógica e o currículo.

3.1 Paulo Freire e a educação como um ato político

Segundo Freire,

a tarefa do educador seria demasiado fácil se se reduzisse ao ensino de conteúdos que nem se quer precisariam de ser tratados assepticamente e assepticamente transmitidos aos educandos, porque, enquanto conteúdo de uma ciência neutra, já eram em si assépticos. O educador neste caso não tinha por que, ao menos, se preocupar ou se esforçar por ser decente, ético, a não ser quanto à sua capacitação. Sujeito de uma prática neutra, não tinha outra coisa a fazer senão “transferir conhecimento” também neutro. Na verdade, não é isso o que se dá. Não há, nem jamais houve prática educativa em espaço-tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida

apenas com ideias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos de que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tão política quanto a outra, a que não se esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade. (2011)

Segundo Dermarchi, “Freire anunciava que a educação não é política por decisão de uma pessoa ou de outra. Ela é política. A neutralidade é falsa. A educação tem caráter diretivo, envolve algum projeto de sociedade” (2021).

Para Fiori:

o método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política. Distingue-as, sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historiciza e busca reencontrar-se, isto é, busca ser livre. Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá dos rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, superestruturais ou inter-estruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. As contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam insuportável a acomodação. Um método pedagógico de conscientização alcança últimas fronteiras do humano. E como o homem sempre se excede, o método também o acompanha. (2011)

Freire ressalta que “não podemos aceitar o argumento ingênuo da separação entre educação e política. Educar é também politizar. Há uma dialética irrefutável entre o ato político e o ato educativo” (1996).

A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é em sua essência um ato político. “Para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados (FREIRE, 1996, p. 125).

Para Paulo e Trombetta

a ação educativa não pode deixar de ser política, da mesma maneira que a política – a boa política – tem de ser pedagógica. É tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. (2021, p. 10)

De acordo com Zitkoski

A necessária e indispensável posição política do educador, para ser coerente com sua ética profissional, é um dos grandes princípios

fundantes da pedagogia freiriana e perpassa toda sua obra como educador e filósofo da educação. (2006, p. 52 *apud* PAULO e TROMBETA, 2021, p. 10).

Segundo Guareschi; Biz

a educação não pode estar desligada da política, pois educar implica necessariamente perguntar-se pelo tipo de sociedade que desejamos. E isso é um ato político. Se a educação é a “inserção” das pessoas na sociedade, ela tem que se perguntar: em que tipo de sociedade? Simplesmente nessa que está aí, pelo simples fato de estar aí? Ou a discussão sobre projeto de sociedade também faz parte da educação? Em outras palavras: educar para que sociedade?

Um processo educativo deve incluir o lado político, que envolva a produção do conhecimento voltado para o pensar crítico, para melhor agir. Tal visão inclui a intervenção do subjetivo no objetivo, antecipando a nova sociedade que se quer, aprofundando a consciência da dignidade do ser humano, aberto ao diálogo. Se educar é conscientizar, a educação é um ato essencialmente político. Ninguém educa ninguém sem uma proposta política, seja qual for. É o grau de consciência política que define se somos ou não educadores. (2005, p. 30-31 *apud* PAULO; TROMBETA, 2021, p. 14)

Para Gutiérrez

a escola faz política não só pelo que diz, mas também pelo que cala; não só pelo que faz, mas também pelo que não faz. A política é uma prática totalizadora e diária que impregna e dá cor a tudo o que fazemos. Todos nós – cada um em seu trabalho – fazemos política permanentemente, mas o educador a faz de uma maneira privilegiada, já que o Estado coloca à sua disposição um determinado número de futuros cidadãos para que os socialize, quer dizer, para que os politize. (1988, p. 22 *apud* PAULO; TROMBETA, 2021, p. 11)

Para concluir a questão, Paulo Freire *apud* Paulo e Trombetta afirma que,

do ponto de vista dos interesses dominantes, é fundamental defender uma prática educativa neutra. Aliás, é próprio da educação opressora disfarçar-se de neutra, mistificando a realidade e encobrindo as contradições sociais, fazendo crer que vivemos no melhor dos mundos possíveis. No entanto, os educadores que não fazem política – questionar o poder, denunciar o que temos e anunciar a possibilidade de construirmos um mundo melhor – acabam praticando a política da submissão ao mais forte, legitimando as injustiças e naturalizando a barbárie presente na lógica do mercado. Sua pretensa neutralidade os converte em instrumentos facilmente manejados pelos detentores do poder político e econômico. Portanto, o educador humanista faz a opção política radical pela libertação dos oprimidos, o que implica assumir de modo consciente a dimensão política presente no seu fazer pedagógico. (2021, p. 13)

3.2 Paulo Freire e a aula dialógica

Os professores dentro da sala de aula estão em um espaço/tempo privilegiado tanto no que diz respeito a construção de conhecimento quanto na formação de cidadãos e, em ambos os casos, temos o diálogo como ferramenta principal para atingir tais objetivos.

Autores como Freire (2011), Guerra e Gomes (2020) e Veiga (2015) apresentam em suas obras a importância do diálogo como promotor da construção do conhecimento, do processo ensino e aprendizagem como também a formação de cidadãos críticos, reflexivos, emancipados, autônomos e conscientes de seu papel na sociedade. Os autores acima citados também destacam o quanto a educação bancária contribui para a manutenção da sociedade como se apresenta nos dias atuais, uma sociedade desigual, na qual a classe dominante mantém sua opressão sobre os mais vulneráveis sócio e economicamente.

De acordo com Freire,

quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. A narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos. (2011, p.79)

Freire ressalta que,

há uma quase enfermidade da narração. A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar. Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. (2011, p. 79)

Na educação bancária não há construção conjunta de conhecimento, assim como não há trocas durante o processo de ensino aprendizagem e sim o professor detentor exclusivo do conhecimento, conhecimento este que será

narrado a seus alunos que apenas devem recebê-lo pronto e estático e da mesma forma apresentar para o professor por ocasião da avaliação.

Para Freire

a narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (2011, p. 80)

Desta maneira, para Freire

em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.

[...]

Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2011, p. 80).

A educação bancária contribui para a inércia do educando, a opressão e a ingenuidade dos alunos enquanto que a educação dialógica é um despertar do educando às suas possibilidades, ao seu poder de fala, à importância da sua cultura e dos seus saberes, assim como seu valor e seu papel na sociedade.

Freire, ressalta que

quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos. Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. (2011, p. 83)

De acordo com Guerra e Gomes,

perspectiva pedagógica de Freire buscava fundamentalmente educar conscientizando, a partir da contextualização dos conteúdos trabalhados na sala de aula, que deve ser um espaço democrático e aberto ao diálogo. É nesse espaço de reflexão, em que o professor dialoga com o aluno, que se desenvolve a educação crítica, formando pessoas capazes de relacionar conceitos e de problematizar situações do seu cotidiano. (2020, p. 6)

Ainda segundo Guerra e Gomes,

a pedagogia proposta por Paulo Freire visa substituir essa forma arbitrária de educar por uma metodologia de ensino dinâmica, que transforme o aluno em sujeito ativo do processo de aprendizagem. Aprendendo criticamente o indivíduo será capaz de interferir na realidade social, passando a ser protagonista de sua aprendizagem e tornando-se capaz de formular suas próprias interpretações, participando ativamente das mudanças necessárias para promoção do bem comum. (2020, p. 7)

Veiga afirma que,

a dialogicidade é um conceito fundante da teoria pedagógica freiriana que se faz antropológica, porque teoria gerada na luta pela libertação dos seres humanos oprimidos em uma sustentação ética a transitar:

- * na pessoa humana- sua humanização;
- * na organização da luta coletiva e dos enfrentamentos possíveis - sua conscientização;
- * em processos de ação cultural, em movimentos de opções e decisões - sua constituição política;
- * na apropriação do conhecimento técnico e científico - sua formação profissional cidadã. (2015, p. 151)

Veiga concebe a aula como:

teia de relações em um espaço-tempo privilegiado da comunicação didática - comunicação multidimensional e pluriépistêmica - por onde transitam diferentes concepções e histórias de ensinar e de aprender, constituindo um território demarcado por conflitos, encontros e desencontros e possibilidade de construir a capacidade humana, mediadas por relações dialógicas entre professores e alunos e por um projeto de nação justa e solidária. (2015, p. 10)

Para Freire e Shor,

as relações em que aprendemos que o compromisso que o compromisso da parceria é fundamental em uma relação humana e intencionada e horizontal , o que não exclui do professor a responsabilidade de direção do processo de ensinar e de aprender nem exime o aluno da responsabilidade de ultrapassar os limites de sua prática, recriando o espaço-tempo da reflexão e da cultura em relações democráticas e éticas na compreensão de que " o diálogo sela o ato de aprender que nunca é individual embora tenha uma dimensão individual. O diálogo é, em si, criativo e re-criativo" (1987 *apud* VEIGA, 2015 p.152)

Veiga salienta ainda que,

muitas vezes, a compreensão de uma aula dialógica fica esvaziada da produção de sentidos de uma relação responsável, como se fosse possível viver uma liberdade sem limites, sem os condicionantes que nos permitem viver e conviver socialmente e sem o necessário rigor epistemológico e ético. O diálogo possibilita a liberdade e o protagonismo, que encaminham a autonomia que se constrói nas relações cotidianas de reciprocidade, nos limites e nas possibilidades que temos na concretude dessas relações. (2015, p. 152)

Heller explicita a autonomia como sempre relativa, produzida em relação com o outro tal como:

Autonomia significa que somos responsáveis por nossas ações, já que elas decorrem de nós mesmos: e devemos sempre supor que poderíamos ter agido de outro modo. Relativa significa que a situação social concreta e os diversos sistemas normativos definem os limites no interior dos quais podemos interpretar e realizar determinados valores. (1982 *apud* VEIGA, 2015, p. 151)

Veiga defende,

a autonomia, como a relação democrática e a dialogicidade é um, conceito que se constitui em possibilidades de permanente processo de construção coletiva, em que limites são demarcados e ultrapassados com responsabilidade e um certo cuidado para não cair em um espontaneísmo pedagógico. A diretividade do professor no processo de ensinar e de aprender é condição para não cair em um deixa acontecer que acaba funcionando como relação autoritária: a vontade de todos tende a ser a vontade de um ou de alguns que assumem um papel dominador/centralizador. (2015, p. 153)

Freire, em diálogo com Shor, define com clareza o equívoco que muitas vezes envolve esses conceitos em processo de ensinar e aprender em uma aula com perspectiva dialógica:

Tenho que ser radicalmente democrático, responsável e diretivo. Não diretivo dos estudantes, mas diretivo no processo no qual os estudantes estão comigo. Enquanto dirigente do processo, o professor libertador não está fazendo alguma coisa aos estudantes, mas com os estudantes. (1987 *apud* VEIGA, 2015 p. 153)

Veiga salienta que,

às vezes consideram que a pedagogia dialógica freiriana pressupõe amizade, compaixão e compreensão do outro. Esses valores e atitudes precisam ser contextualizados na própria obra de Freire, para não se constituírem em slogans que mascaram a sua teoria. (2015, p. 153)

Freire nos adverte que,

há de se ter o cuidado de não reduzir a relação pedagógica à amizade, pois se assume o risco de descomprometimento com a profissionalidade e com nossos alunos, tanto na aprendizagem de conteúdos formais, quanto na formação de cidadãos críticos, o que representaria aula sem rigor epistemológico e ético. (1996 *apud* VEIGA, 2015, p. 153)

Veiga destaca que,

compreender o outro não significa facilitação de conhecimento. A compaixão é um sentimento difícil de viver, significa paixão com o outro, aproxima-se de padecer com o outro, exigem também o difícil e necessário sentimento da solidariedade, como um valor que transcende nossa travessia neste mundo, responsabilizando-nos por um mundo em que não estaremos, mas que ajudamos a construir para aqueles que nele viverão. (2015, p. 153)

Freire nos afirma que,

o diálogo não ocorre no vazio das relações formais, vem por dentro da amorosidade (e das teias de relações que envolvem o conhecimento em permanente construção, com a força da intencionalidade de um processo educativo que foi pensado antes pelo professor em um projeto coletivo. Projeto que se funda na educação como um processo histórico, existencial, político, cultural de transmissão e criação de valores, conhecimentos e saberes, para uma socialização que desenvolva a consciência e a autonomia dos sujeitos em modos próprios de sentir, pensar e decidir. (1987 e 1996 *apud* VEIGA, 2015, p. 158)

As aulas dialogadas nas quais o diálogo, as trocas entre os professores e os alunos e a valorização da cultura, dos saberes e da vivência de todos, não faz com que a sala de aula se torne um ambiente em que todos são iguais no que diz respeito ao conhecimento técnico e, sim, todos são iguais no sentido de serem respeitados em suas diferenças.

Freire enfatiza que,

o diálogo entre professoras ou professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas. Os professores não são iguais aos alunos por várias razões, entre elas porque a diferença entre eles os faz ser como estão sendo. O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro.

[...]

O diálogo implica respeito entre os sujeitos, que o autoritarismo não permite que se constitua assim como a licenciabilidade, de forma diferente, mas igualmente prejudicial (FREIRE, 2011, p. 162-163).

As autoras Guerra e Gomes ressaltam que,

o espaço educacional pressupõe a existência de uma relação dialógica, na qual os sujeitos aprendem a interpretar o mundo em um contexto de troca de informações constantes entre docente e discente. O educador deve provocar o aluno para que ele, a partir das informações apreendidas durante a relação de aprendizagem, possa compreender e interpretar a realidade para depois transformá-la. (2020, p. 10)

Para Freire,

o ato de ensinar pressupõe, portanto, uma reciprocidade, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (1996, p. 12 *apud* GUERRA e GOMES, 2020, p. 10)

Dessa forma, segundo Guerra e Gomes,

o trabalho pedagógico só se concretiza efetivamente quando juntos, docente e discente, aprendem entre si, em uma relação dialógica e conscientizadora. Assim, enquanto ensina, o educador também deve instigar o aluno a problematizar situações vivenciadas por ele, deve ampliar a sua capacidade de questionar as relações que estão estabelecidas, dinamizando o ambiente acadêmico e formando alunos participativos e questionadores. (2020, p. 10)

Como afirma Gonçalves, “O fazer educativo é um processo vivo, orgânico, cotidiano de formação humana e socialização” (2018, não paginado *apud* GUERRA e GOMES 2020, p. 10).

Guerra e Gonçalves concluem que, se,

na prática, a ação educativa não se configura em um ato concreto na vida do aluno, perderá a eficácia, pois o ato pedagógico deve ser constituído com base em assuntos que tenham significação para as pessoas, transformando a sociedade através da educação. (2020, p. 10)

3.3 Paulo Freire e o currículo como uma prática pedagógica

Para Freire (2011), é necessário aproximar os conteúdos da realidade e do contexto dos estudantes, tanto na alfabetização de jovens e adultos quanto nas disciplinas do currículo de modo geral. E para isso é necessária uma investigação prévia que necessariamente perpassa pelo diálogo, pela escuta e pelo conhecimento da realidade dos alunos.

Freire enfatiza que,

para a educação como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação. (2011, p. 115)

Freire (2011), acrescenta também que um currículo engessado e distante das realidades, atende bem à educação bancária, autoritária e centralizadora, mas destoa da educação dialógica na qual o diálogo também está presente neste processo.

Freire salienta que

para o “educador-bancário”, na sua antialogicidade, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo do diálogo, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual ele dissertará a seus alunos. E a esta pergunta responderá ele mesmo, organizando seu programa. Para o educador educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição- um conjunto de informes a ser depositado nos educandos -mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (2011, p. 116)

Freire (2011), mais uma vez destaca que o processo de ensino aprendido é sempre em conjunto, onde todos os sujeitos são participantes ativos do processo, sendo um processo no qual todos aprendem, todos são modificados, todos são protagonistas.

Freire enfatiza que,

a educação autêntica não se faz de A para B, ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia uns e outros, originando visões e ponto de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (2011, p. 116)

Para Gomes e Guerra

o modelo de educação, baseado no cumprimento de conteúdos que não estimulam o debate, não desenvolve o pensamento crítico dos alunos, adotando práticas educacionais não condizentes com a sua realidade social, servindo, dessa forma, a uma minoria que visa impor as suas ideias de dominação, sem considerar as raízes culturais daqueles que pretende dominar, não deixando margem para a reflexão social e mantendo a contradição educador educando. (2020, p. 5)

Freire alerta que,

nesse modelo “não pode haver conhecimento, pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador”. Os métodos pedagógicos utilizados pelo professor em sala de aula levam o aluno a gravar o que está sendo ensinado, porém sem contextualizar o conteúdo que, desconectado da realidade, fica sem significação. Os alunos memorizam, mas não conseguem captar o real significado dos temas trabalhados pelo docente. É o que ele denominou de concepção “bancária” da educação, utilizada pela classe dominante como instrumento de opressão. (1983, p. 79 *apud* GOMES e GUERRA 2020, p. 5)

De acordo com Abensur, deve-se destacar,

a importância do currículo, instrumento organizador da escola, entendido como um processo de interação de todas as práticas e reflexões que marcam os processos educativos, os quais têm como ponto de partida o conhecimento cotidiano e as experiências de vida de todos os sujeitos educacionais e objetivam a partilha e a construção de um conhecimento elaborado, vislumbrando a emancipação do ser humano e a consequente transformação social. (2012, p. 4)

Freire afirma que,

na verdade, a compreensão do currículo abarca a vida mesma da escola, o que nela se faz ou não se faz, as relações entre todos e todas as que fazem a escola. Abarca a força da ideologia e sua representação não só enquanto ideias, mas como prática concreta. (2001 p. 123 *apud* ABENSUR 2012, p. 4)

Freire destaca em suas obras,

a defesa de uma escola democrática, onde não se ensina apenas conteúdo, mas a pensar certo. Pensar certo é pensar criticamente reconhecendo-se como sujeito da construção e reconstrução do seu conhecimento. É tomar a realidade como objeto de estudo e compreendê-la como parte de um todo, na busca de superar o saber

ingênuo. Para isto, parece necessário pensar em um currículo que possibilite a sobrevivência dessa escola; ou seja, precisa-se rever o currículo que hoje se encontra nas escolas, que mais parece uma prescrição inflexível e sem alternativas para aqueles que trabalham com ele. O currículo escolar deve fortalecer a democracia dos saberes e permitir às crianças populares, além da informação e do conhecimento científico, a valorização do conhecimento cotidiano. (2002b, p. 37 *apud* ABENSUR, 2012, p. 4)

Segundo Freire, “não há sombra de dúvida em torno do direito que as crianças populares têm de, em função de seus níveis de idade, ser informadas e formar-se de acordo com o avanço da ciência” (2001 p. 45 *apud* ABENSUR, 2012, p.4).

Conforme Abensur,

é indispensável, porém, que a escola, virando popular, reconheça e prestigie o saber de classe, de “experiência feito”, com que a criança chega à escola. Torna-se preciso, então, considerar que a construção do currículo não pode esquecer a situação concreta e existencial dos educandos.

A vida, o cotidiano, com seus problemas, suas possibilidades, seus limites e seus desafios; a cultura e a tradição, os valores e os princípios necessitam estar presentes no currículo da escola, deixando explícitos os seus caracteres político, histórico e cultural.

As condições concretas desfavoráveis não são incompatíveis com a escolarização. Estas condições geram saberes que permitem a sobrevivência do povo e são expressões de sua resistência.

As dificuldades na aprendizagem diminuiriam e a motivação aumentaria se a escola considerasse a cultura popular, sua linguagem, sua forma de realizar cálculos.

Na concepção de (Freire, 1994 *apud* ABENSUR, 2012), o que vem ocorrendo é que, de modo geral, a escola autoritária e elitista que aí está não leva em consideração, na organização curricular e na maneira como trata os conteúdos programáticos, os saberes que vêm se gerando na cotidianidade dramática das classes sociais submetidas e exploradas. (2012, p. 5)

Freire em suas obras destaca a importância de um currículo voltado à realidade do estudante, levando em consideração a participação e a escuta de toda a comunidade escolar, um currículo que faça sentido para estes alunos e que colabore em alguma medida no cotidiano da comunidade acadêmica.

O autor “propõe um currículo flexível, não padronizado. Um currículo organizado a partir da seleção de temas socialmente relevantes para os educandos” (FREIRE, 2006, np., *apud* ABENSUR, 2012, p. 5).

Freire destaca que

para uma elaboração democrática do currículo, é necessário e importante a participação, além dos educandos e dos professores, dos pais, dos funcionários e da comunidade do entorno da escola, quando observa que a presença de alunos, de pais de alunos, de mães de alunos, de vigias, de cozinheiras, de zeladores nos estudos de que resulte a programação dos conteúdos da escola não significa negar a indispensável atuação dos especialistas. Significa apenas não os deixar como “proprietários” exclusivos de um componente fundamental da prática educativa. Significa democratizar o poder da escolha sobre os conteúdos. (2006, p. 111 *apud* ABENSUR, 2012, p. 5)

Esta concepção democrática de seleção de conteúdos defende o conhecimento como sendo histórico e social, construído a partir da experiência concreta do mundo em evolução permanente, da vida, da realidade, a qual está em transformação contínua no tempo. (VIEIRA PINTO, 1979 *apud* ABENSUR, 2012, p. 5)

De acordo Abensur é imprescindível,

um currículo que parta da interpretação que os educandos têm da realidade, que reflita suas ações, suas trajetórias, seus conflitos e suas conquistas e não de uma visão única de mundo, a qual não leva em conta os homens e as mulheres em situação. (2012, p. 5-6)

Freire, (1994 *apud* ABENSUR, 2012) propõe um currículo flexível, não padronizado. Um currículo organizado a partir da seleção de temas socialmente relevantes para os educandos.

Abensur “defende a proposta de apresentar a realidade como problema que desafia e exige resposta, em vez de dissertar sobre ela ou doá-la como conteúdo a educandos passivos e apartados da sociedade” (2012, p. 6).

Abensur acredita que,

doar conteúdo é uma ação desumanizante que procura manter o educando com a mesma visão de mundo dos outros e não com a sua, alienando-o, pois, de sua condição de oprimido e marginalizado. Em contrapartida, o intuito de uma ação humanizadora é o de conversar sobre as várias visões de mundo presentes na comunidade, que se manifestam na ação e refletem a própria realidade, ao invés de impor uma única explicação para os fatos; visto que, uma vez analisando, refletindo e conhecendo a sua situação, o educando terá a possibilidade de desenvolver uma leitura crítica sobre ela, sintonizada com a situação concreta. (2012, p. 6)

Freire defende que “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação [...]” (2011, p. 119).

Segundo Freire,

o que temos que fazer, na verdade, é propor, através de certas contradições básicas, situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação. (2012, p. 120)

A busca conjunta pela organização do currículo de forma alguma tem como objetivo não trabalhar conteúdos e sim dar significação aos mesmos e incluir conteúdos que possa contribuir no cotidiano da comunidade escolar.

Como afirma Freire,

não há, nunca houve nem pode haver educação sem conteúdo, a não ser que os seres humanos se transformem de tal modo que os processos que hoje conhecemos como processos de conhecer e de formar percam seu sentido atual. (2006, p. 111 *apud* ABENSUR, 2012, p. 6)

Abensur acrescenta que,

a questão posta diz respeito aos critérios para seleção dos conteúdos escolares, bem como os aspectos políticos considerados nestes critérios para fundamentar a escolha dos conhecimentos. O conteúdo escolhido deve ser uma eleição do educador e da comunidade, juntos. A busca do conteúdo acontece por meio do diálogo para a investigação do universo temático ou tema gerador e parte da consciência que se tem da realidade, da própria condição de existir; permite a exteriorização das visões de mundo, formas de pensá-lo, percepções fatalistas, estáticas ou dinâmicas da realidade. (2012, p. 6)

Freire afirma que,

nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto. (2011, p. 120)

Para Menezes e Santiago

o Brasil, a partir dos finais dos anos de 1950, a educação encontrou em Paulo Freire a referência que formula as bases da educação libertadora como um paradigma que influencia o campo do currículo. A concepção freiriana de educação, na qual as finalidades, os conteúdos, as ações estão articulados para possibilitar a humanização e a libertação dos sujeitos contribuiu na orientação das políticas curriculares, construindo um horizonte de possibilidades para a emancipação humana a serviço da transformação social. Nesse contexto de reconceptualização da teorização curricular, buscou-se superar os fundamentos das teorias tradicionais, caracterizadas pela aceitação, pelo ajuste e pela adaptação na sociedade vigente, e construir uma teoria crítica do currículo, pautada no questionamento e na modificação dessa sociedade. (2014, p. np.)

Saul afirma que,

ao discutir o currículo na perspectiva crítica, afirma que o pensamento de Paulo Freire constitui uma matriz importante, que fundamenta o paradigma curricular de racionalidade crítico-emancipatória. Segundo a autora, os elementos político-pedagógicos da educação libertadora contribuem para estabelecer uma relação dialética entre o currículo e o contexto histórico, social, político e cultural, ou seja, tratar o currículo na dimensão da totalidade em que os diferentes contextos, num processo dinâmico, se relacionam e se influenciam. Essa compreensão crítico-emancipatória possibilita situar o currículo na direção de um projeto social que contribua para a emancipação dos sujeitos. (1998, p. np. *apud* MENEZES e SANTIAGO 2014, p. np)

De acordo com Menezes e Santiago,

o pensamento curricular crítico traz a presença de Paulo Freire no debate educacional e, no caso específico do campo do currículo, influencia as políticas e as práticas curriculares. Desse modo, passamos a destacar os elementos que configuram a sua proposta educacional libertadora e o diálogo como categoria e dinâmica do seu pensamento. (2014, p.np)

Para Menezes; Santiago “a contribuição de Paulo Freire para o campo do currículo foi tecida a partir da crítica à educação bancária e no movimento de superação pela formulação de uma educação libertadora [...]” (2014, p. np).

Menezes; Santiago afirmam que,

a educação bancária, que tem por referência as teorias tradicionais do currículo, compreende os(as) estudantes como depósitos vazios a serem preenchidos por conteúdo do domínio exclusivo do(a) professor(a). Nessa concepção, o(a) estudante é percebido como alguém que nada sabe, como ser passível de adaptação e ajuste à sociedade vigente. A curiosidade e a autonomia vão-se perdendo na

produção do conhecimento, uma vez que o conhecimento é narrado pelo(a) professor(a) como algo acabado, estático. Assim, expõe-se o(a) estudante a um processo de desumanização. Dessa forma, os homens e as mulheres apenas vivem no mundo, mas não existem. (2014, p. np)

Para Freire,

o que possibilita a ação livre, criadora e determinadora das condições de existência é o desenvolvimento de consciência, capaz de apreender criticamente a realidade. Por isso, ele critica esse tipo de educação que não permite a formação de consciência crítica, pois os(as) estudantes são estimulados a memorizar o conteúdo, e não a conhecê-lo, uma vez que não realizam nenhum ato cognoscitivo do objeto de conhecimento além do caráter verbalista, dissertativo, narrativo. Características típicas do currículo tradicional, afastadas da realidade existencial das pessoas envolvidas no processo educacional. (*apud* MENEZES, SANTIAGO, 2014, p. np)

Segundo Freire,

Essa educação, assim como, o currículo, "[...] sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo" (2001, p. 62 *apud* MENEZES; SANTIAGO, 2014).

Menezes; Santiago afirmam que

o pensamento de Paulo Freire supera essa concepção bancária da educação, quando formula as bases para uma educação libertadora. Uma educação como prática da liberdade, fundamentada na teoria da ação dialógica, que substitui o autoritarismo presente na escola tradicional pelo diálogo democrático nos diferentes espaços de vivências e de aprendizagens. A educação libertadora tem, fundamentalmente, como objetivo desenvolver a consciência crítica capaz de perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão. Na verdade, esse não é objetivo dos opressores que tentam manter, por meio da educação bancária, a reprodução da consciência ingênua, acrítica.

Os protagonistas do processo são os sujeitos da educação - estudante e professor(a) -, que, juntos, dialogam, problematizam e constroem o conhecimento. Por isso, problematizar, na perspectiva freireana, é exercer análise crítica sobre a realidade das relações entre o ser humano e o mundo, o que requer os sujeitos se voltarem, dialogicamente, para a realidade mediatizadora, a fim de transformá-la, o que só é possível por meio do diálogo, "desvelador da realidade".

Dessa forma, tanto o(a) professor(a) quanto o(a) estudante tornam-se investigadores críticos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes: "[...] a sala de aula libertadora é exigente, e não permissiva. Exige que você pense sobre as questões, escreva sobre elas, discuta-as seriamente" (FREIRE; SHOR, 2008, p. 25 *apud* MENEZES; SANTIAGO, 2014, p. np).

Freire afirma

que é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (1980, p. 39 *apud* MENEZES; SANTIAGO, 2014, p. np)

De acordo com Menezes e Santiago,

referindo-se às questões curriculares, ressalta que o pensar freiriano traz conceitos fundamentais para teorização sobre o currículo. E destaca o *diálogo* entre as categorias fundantes do pensar freiriano como princípio que pode colaborar na formulação da base teórico-metodológica do currículo e do desenvolvimento de práticas pedagógicas. (2006, p. np)

Ainda segundo Menezes e Santiago,

cada vez mais o conceito de currículo tem sido ampliado e aprofundado, abandonando-se a concepção restrita e fragmentada que se refere apenas ao programa de conteúdos e passando a ser visto como um instrumento de ação política que retrata o conjunto de valores e interesses da sociedade, como também o tipo de educação e a concepção de sujeito que se tem. (2006, p. np)

Essa nova compreensão da teoria curricular tem sido fruto de várias contribuições teóricas progressistas, dentre as quais destacamos as ideias e práticas desenvolvidas na política educacional do educador Paulo Freire. Como descreve Freire: “Não reduzimos, por isso mesmo, sua compreensão, a do currículo explícito, a uma pura relação de conteúdos programáticos” (2005).

Na verdade, a compreensão do currículo abarca a vida mesma da escola, o que nela se faz ou não se faz, as relações entre todos e todas as que fazem a escola. Abarca a força da ideologia e sua representação não só enquanto ideias, mas como prática concreta.

Para Menezes; Santiago,

apesar de Freire não ter delineado especificamente uma teoria do currículo, o seu pensamento traz alguns conceitos que são fundamentais para uma teorização sobre esse tema como prática político-pedagógica, na perspectiva de uma educação libertadora.

Dessa forma, uma teoria curricular de inspiração freiriana necessariamente deverá contemplar os eixos centrais do pensamento de Paulo Freire é neste sentido, que problematizamos algumas de suas ideias (SANTIAGO, 2006 apud MENEZES; SANTIAGO, 2008, p. 6).

Menezes; Santiago afirmam que

na pedagogia de Freire, o princípio teórico-metodológico da ação educativa está fundamentado na compreensão de que todo ser humano é construtor de conhecimento e portanto, produtor de cultura. Sendo assim, se faz necessário que os processos educativos favoreçam aos educandos oportunidades de confrontarem seus conhecimentos com informações mais amplas, consistentes e significativas para a construção e/ou reconstrução de novos conhecimentos.

Dessa forma a ação educativa além de possibilitar ao educando maior poder social e de intervenção para transformar as situações menos humanas em situações mais humanas, pode permitir aos sujeitos a busca constante por ações e reações de solidariedade, respeito e responsabilidade consigo mesmo, com os outros e com o mundo (SOUZA, 2007 apud MENEZES; SANTIAGO, 2008, p. 6).

Menezes; Santiago concluem que

nesse contexto, o conhecimento produzido será capaz de contribuir para a construção da hegemonia popular, pois o ato educativo permitirá a identificação de contradições e alternativas para a transformação da realidade social, se tornando um processo essencial na construção da cidadania. Sendo assim, reconhecer o conhecimento como uma criação humana possibilita diferentes maneiras de formular e organizar o currículo. (2008, p.7)

Paulo Freire sonhava com uma sociedade mais justa e igualitária e lutava por isso. Desejava que todos tivessem oportunidades iguais, todos tivessem acesso à educação, lutava pelos oprimidos, sabia que nunca os opressores fariam algo de verdadeiro por eles. Os opressores queriam a manutenção do *status quo*, defendiam a teoria que o mundo é assim mesmo e que isso era fato dado, determinado e não havia nada a se fazer.

Freire tinha a convicção que só os próprios oprimidos poderiam lutar por eles mesmos e para isso tinham que se reconhecer enquanto sujeitos históricos, assim como, sujeitos de suas histórias. Para Freire a educação não era sozinha a solução, mas sem a educação nada conseguiriam.

4. Caminhos Metodológicos

Descrição do ambiente da Pesquisa:

A pesquisa foi realizada no IFSul campus Pelotas Visconde da Graça, campus que, com muito orgulho, faço parte desde 2013.

O campus acaba de completar 100 anos de História. Foi inaugurado em 12 de outubro de 1923 com o nome de Patronato Agrícola do Rio Grande do

Sul. Está localizado na Avenida Idelfonso Simões Lopes, 2791 no bairro Três Vendas, na cidade de Pelotas.

O Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG) esteve ligado à Universidade Federal de Pelotas (UFPel) até 2010, quando passou a integrar o Instituto Federal (IFSul) a partir da emissão da Portaria 715/2010, do Ministro de Estado da Educação. Hoje em dia, a escola segue integrada ao Instituto Federal Sul-rio-grandense sendo denominado IFSul campus Visconde da Graça. Está localizada a cerca de 8 km do centro de Pelotas, com área de 201 hectares. A escola é pública e gratuita e oferece as seguintes modalidades de ensino:

- Ensino Técnico Integrado abrangendo os cursos Técnico em Agropecuária, Técnico em Alimentos, Técnico em Vestuário e Técnico em Meio Ambiente;

- Na modalidade Subsequente oferta os cursos Técnico em Agropecuária, Técnico em Alimentos, Técnico em Vestuário, Técnico em Meio Ambiente e Técnico em Desenvolvimento em Sistemas de Informação.

- Na graduação oferece os cursos de Gestão de Cooperativas, Agroindústria, Gestão Ambiental, Design de Moda, Viticultura e Enologia além das Licenciaturas em Ciências Biológicas, Química e Física.

- Em EAD, apresenta os cursos Técnico em Administração, Técnico em Biocombustível e Técnico em Contabilidade.

O campus ainda oferta duas pós-graduações, uma *latu sensu* e a outra *stricto sensu*, sendo elas a Especialização em Ciências e Tecnologias da Educação e o Mestrado Profissional em Ciências e Tecnologias na Educação, respectivamente. A escola oferece essas atividades nos três turnos: manhã, tarde e noite.

Ressalto a seguir um pouco da história dos Cursos de Licenciaturas no qual especificamente realizei minha pesquisa.

O IFSul dá continuidade a uma trajetória histórica da Educação Profissional no Brasil. Sua origem data de 1917 na cidade de Pelotas, como Escola de Artes e Ofícios, transformada após em Escola Técnica, ofertando

aulas a partir de 1930. Posteriormente, passando por reformulações como Escola Técnica Federal de Pelotas, passando a ser considerado Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET – Pelotas) transformando-se em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense a partir da Lei nº 11.982, de dezembro de 2008.

Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI, 2017), o referido Instituto, expressa como um de seus objetivos seu fortalecimento como instituição educacional pública transformadora da realidade social, investindo na construção de processos educacionais que adotem o trabalho como princípio educativo e a articulação de ensino, pesquisa e extensão como princípio pedagógico. Do mesmo modo, acolher a determinação legal referente a oferta de cursos de licenciatura para formação de professores para educação básica e profissional, como um de seus objetivos.

Frente a tais compromissos, o CaVG, desde 2010, estabelece como meta em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, a criação dos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Física e Licenciatura em Química, em consonância com a política de expansão do Instituto. Pelos estudos, pesquisas e trabalhos pedagógicos realizados com os docentes e comunidades escolares envolvidas, constatou-se a necessidade de oferecer-se cursos superiores de licenciaturas nas áreas de Ciências Biológicas, Química e Física, contemplando a formação inicial para atuação em ciências desde o ensino fundamental. Sendo assim, implementado no Campus os Cursos de Licenciaturas.

Após está breve apresentação para a contextualização do cenário da pesquisa apresento a metodologia utilizada na pesquisa e as razões do caminho metodológico percorrido.

A metodologia utilizada contemplou um estudo exploratório qualitativo, no qual os sujeitos são os alunos cursando a disciplina de Prática Pedagógica II do Curso de Licenciaturas do IFSul campus Pelotas Visconde da Graça. A coleta dos dados foi realizada através de dois questionários (apêndice 1 e apêndice 2), o primeiro foi aplicado anteriormente a exibição do produto educacional e o segundo após a apresentação do produto educacional.

Os sujeitos da pesquisa são os alunos cursando a disciplina de Prática Pedagógica II, disciplina do quinto semestre do Curso de Licenciaturas do IFSul campus Pelotas Visconde da Graça.

A escolha pela pesquisa exploratória qualitativa foi baseada na possibilidade de conhecer a construção prévia dos estudantes a respeito do tema e o conhecimento construído após a apresentação do produto educacional.

Para Ferreira

As pesquisas exploratórias vêm sendo utilizadas cada vez mais para investigar os fenômenos complexos da realidade educacional. Esse tipo de investigação busca respostas para questionamentos e dedica-se a identificar e compreender fatos/acontecimentos da educação que precisam ser explorados. Não se trata de uma simples consulta popular, o propósito é envolver o sujeito que participará desse processo de investigação em um momento de reflexão, análise da realidade e produção de conhecimento. (2023, p. 3)

De acordo com Silva,

a abordagem qualitativa permite dialogar, criar sentidos e significados. E isto vai ao encontro de Freire (1981, p. 10): “Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las”. Logo, pode-se considerar que a pesquisa qualitativa é uma intercomunicação com sujeitos ímpares que possibilita a criação de sentidos num dado momento e espaço sócio histórico-cultural. Esta construção que é dialógica possibilita ao/à investigador/a a construção de sua interpretação. Em suma, pode-se dizer que a abordagem qualitativa viabiliza (res)significar o que se estuda, investiga e apreende. Os dados de uma pesquisa de abordagem qualitativa podem ser construídos com diferentes tipos de instrumentos: questionários, entrevistas, análise de documentos, grupos focais, dentre outros. (2021, p.5)

De acordo com Bogdan e Sari “a pesquisa qualitativa deve ser utilizada quando os objetivos se centram na mudança” (2013).

Bogdan e Sari,

ressaltam que a mudança é uma coisa séria porque o objetivo é sempre o de melhorar a vida das pessoas. Mas é igualmente complicada porque as crenças, os estilos de vida e o comportamento podem estar em conflito. Os indivíduos que tentam modificar a educação, quer seja numa dada sala de aula ou em um todo o sistema educativo, raramente sabem o que pensam as pessoas envolvidas no processo. Consequentemente são incapazes de antecipar com precisão a forma como os participantes irão reagir. Caso desejemos que a mudança seja efetiva, temos que

compreender a forma como os indivíduos envolvidos entendem a situação, pois são eles que terão que viver com as mudanças. É exatamente a esses aspectos humanos da mudança que as estratégias de investigação qualitativa se dirigem.

Os autores acrescentam ainda que a ênfase na visão pessoal e a preocupação com o processo permitem ao investigador antecipar as dificuldades inerentes a mudança. A orientação qualitativa permite ao investigador lidar com os participantes na mudança, quer se trate de uma única turma ou dos muitos e diferentes níveis da burocracia educacional. (2013)

De acordo com Silva, “os dados de uma pesquisa de abordagem qualitativa podem ser construídos com diferentes tipos de instrumentos: questionários, entrevistas, análise de documentos, dentre outros” (2021, p. 5).

De acordo com Amaro,

um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informação sobre um determinado tema. Deste modo, através da aplicação de um questionário a um público-alvo constituído, por exemplo, de alunos, é possível recolher informações que permitam conhecer melhor as suas lacunas, bem como melhorar as metodologias de ensino [...].

Existem dois tipos de questões: as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo a liberdade de expressão [...]. (2004/2005, p.3, 4)

Na tabela abaixo está representada as vantagens das perguntas abertas, vantagens essas que foram consideradas durante a escolha e confecção dos questionários utilizados na presente pesquisa.

Tabela 2 – Vantagens e Desvantagens da Questões Abertas

TIPO DE QUESTÕES	VANTAGENS	DESVANTAGENS
Resposta aberta	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Preza o pensamento livre e a originalidade; ✓ Surgem respostas mais variadas; ✓ Respostas mais 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dificuldade em organizar e categorizar as respostas; ✓ Requer mais tempo para responder às questões; ✓ Muitas vezes a caligrafia é

	<p>representativas e fiéis da opinião do inquirido;</p> <p>✓ O inquirido concentra-se mais sobre a questão;</p> <p>✓ Vantajoso para o investigador, pois permite-lhe recolher variada informação sobre o tema em questão.</p>	<p>ilegível;</p> <p>✓ Em caso de baixo nível de instrução dos inquiridos, as respostas podem não representar a opinião real do próprio.</p>
--	---	---

Fonte: AMARO *et al.* (2004, 2005, p.5)

Por todas as razões citadas anteriormente no presente trabalho adotamos uma pesquisa exploratória qualitativa utilizando para coleta dos dados dois questionários com perguntas abertas.

No presente trabalho a primeira etapa é a construção de uma mídia digital no formato de um vídeo, cujo objetivo é de que este vídeo seja um material de consulta e apoio aos professores que desejarem elaborar uma aula com base nos pressupostos freirianos de uma aula dialogada.

Como segunda etapa realizamos a aplicação de um questionário aos alunos cursando a Disciplina de Prática Pedagógica II, disciplina do quinto semestre do Curso de Licenciaturas do IFSul campus Visconde da Graça. A coleta de dados será através de dois questionários, um anterior a apresentação do vídeo e um segundo questionário posterior a apresentação do produto educacional, para verificar o que os mesmos entendem e como percebem o que já construíram de conhecimento sobre o tema aula dialogada e o quanto o vídeo foi colaborativo para novas conceituações, percepções, ressignificações e novas construções. Então, após a aplicação do primeiro questionário, foi apresentado o vídeo e, tendo como etapa posterior, ao vídeo a aplicação de um segundo questionário.

A escolha da disciplina foi baseada na ementa da mesma que prevê a introdução aos princípios de planejamento educacional em consonância com as diferentes vertentes epistemo-metodológicas da prática pedagógica a partir de observação e análise de planejamento na escola básica. Estudo teórico-prático das diferentes teorias do currículo e da avaliação de processos pedagógicos, e suas implicações na configuração do Projeto Político Pedagógico.

A segunda etapa foi a aplicação do questionário 1 (apêndice 1) aos alunos que estavam cursando a Disciplina de Prática Pedagógica II, disciplina do quinto semestre do Curso de Licenciaturas do IFSul campus Visconde da Graça, para aferir quais são seus conhecimentos e ideias referentes ao tema.

Na terceira etapa realizei a apresentação do vídeo consultivo e de apoio aos alunos cursando a Disciplina de Prática Pedagógica II.

Já a quarta etapa foi composta pela aplicação do questionário 2 (apêndice 2) aos mesmos estudantes para verificar e compreender a contribuição do vídeo para a construção de conhecimento dos alunos acerca de tal metodologia.

A quinta etapa foi a análise do processo a partir dos resultados obtidos nos questionários respondido pelos alunos.

Na sexta etapa foi realizada a revisão do vídeo a partir da análise da etapa anterior.

O encontro com os alunos aconteceu no IFSul campus Pelotas – Visconde da Graça, na sala 01 do Prédio da Zootecnia no dia 08 de julho de 2024 no horário das 19h, horário da disciplina de Prática Pedagógica II.

Estavam presentes 6 alunos que concordaram em participar da pesquisa. Após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, responderam ao Questionário 1, logo após realizei a apresentação do vídeo sendo o mesmo projetado através de um datashow. Após o término do vídeo os alunos responderam ao Questionário 2. Estavam matriculados e frequentando regularmente a disciplina 7 alunos, sendo o aluno que não estava presente no dia 08 convidado a participar da pesquisa em outra data.

Após aceitar o convite, no dia 24 de julho de 2024 realizei a pesquisa com o aluno de número 7. Esse encontro foi realizado às 19h, na sala de reuniões da Direção de Ensino do IFSul campus Pelotas Visconde da Graça.

Os alunos foram atenciosos e colaborativos e ficaram entusiasmados com o tema proposto e demonstraram acreditar na força e importância da educação.

5. Resultados e Discussão

Neste capítulo serão apresentadas as respostas e comentários das questões abertas que integravam o questionário 1 (apêndice 1) e o questionário 2 (apêndice 2) da pesquisa. Os questionários foram respondidos pelos alunos do 5º semestre das Licenciaturas (Ciências Biológicas, Química e Física) do IFSul campus Visconde da Graça que estão cursando a disciplina Práticas Pedagógicas 2.

O primeiro questionário foi aplicado antes dos alunos assistirem ao vídeo de apoio *Aula dialogada* e o segundo após a apresentação do vídeo. Os alunos participantes serão identificados por nomes fictícios e os dados coletados serão apresentados de acordo com a ordem dos questionários.

Na sequência do texto apresentei as questões e as respostas dos estudantes, bem como reflexões sobre os que os mesmos colocaram sobre a “aula” e o produto educacional.

Questão 1: O que é para você uma aula tradicional? Quais são as vantagens e desvantagens da aula tradicional na opinião?

Vera: Professor explica, passa conteúdo, alunos ouvem, anotam e estudam em casa quando precisarem fazer avaliações. Precisa ter avaliação para obrigar alunos a revisar conteúdo. Não há envolvimento dos alunos de forma ativa.

Gustavo: Uma aula tradicional é para mim aquela onde a um discurso unilateral por parte do professor. Os alunos chegam e escutam e copiam o conteúdo.

Acredito que tenha como desvantagem a falta de inclusão dos alunos ao processo de ensino.

André: No meu entender aula tradicional é aquela aula em que o professor repassa conteúdo da uma explicação breve e cobra o que foi passado.

Não vejo vantagens só desvantagens pois não desenvolvemos o intelecto do aluno.

Marcela: É a aula onde o professor fica na frente do quadro, falando a matéria e os alunos sentados escutando. A vantagem é que se o professor souber explicar da forma que o aluno aprenda isso é bom,

as desvantagens é que existem vários tipos de aluno aprender e se o professor não for aberto a formas de ensinar os alunos acabam prejudicados.

Vítor: aula tradicional onde o professor utiliza dos recursos tradicionais apenas livro, a lousa, necessariamente nesse aspecto, com pouca contextualização de mostrar na prática do dia-a-dia. Hoje, atualmente, é utilizada, mas não tem uma eficácia necessária para os dias atuais, pela quantidade de recursos que existem.

Sandra: Aula tradicional, é aquela onde os alunos ficam sentados em fila a frente do professor, assistindo à aula expositiva, apresentada em slides ou conteúdo escrito no quadro. vejo como desvantagem quando não tem interação entre professor e aluno. A aula se torna cansativa e o aluno não conseguirá uma compreensão plena do conteúdo.

Karen: Aula tradicional é o professor ter um conhecimento e a aprendizagem.

Baseado nas respostas dos alunos, podemos constatar que de uma forma geral todos percebem o quanto a aula tradicional tem como modelo o professor detentor do conhecimento e o aluno como apenas um receptor, sendo que o conhecimento transmitido pelo professor será cobrado no processo de avaliação no qual o aluno deverá reproduzir o que foi memorizado e na maioria das vezes não foi aprendido. Pois o processo de aprendizagem exige troca, interação, diálogo o que não é comum de ocorrer numa aula expositiva tradicional.

Para Freire (2011) na aula tradicional o professor narra o conteúdo, não há real preocupação com a aprendizagem, a narração feita pelo professor provoca a memorização mecânica dos conteúdos narrados pelos alunos.

De acordo com Freire (2011, p. 80), desta maneira a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante.

Para Freire,

em lugar de comunicar-se, o educador faz "comunicados" e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente,

memorizam e repetem. Eis aí a concepção "bancária" da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (2011, p. 80)

Freire destaca que

na verdade, o papel do professor, ao ensinar o conteúdo a ou b, não é apenas o de se esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno fixe. O papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que o professor oferece, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra do professor.

Ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido do discurso vertical do professor. (2011, p. 116)

Questão 2: O que é para você uma aula dialogada? Quais são as vantagens e desvantagens de uma aula dialogada na sua opinião?

Vera: Entendo tratar de uma conversa em que o professor provoca os alunos a pensarem a respeito do conteúdo. Se faz o aluno buscar informações em experiências já vividas e formar conceitos próprio é provável que aumente a capacidade de aprendizagem.

Gustavo: Acredito que essa é uma forma de inserir os alunos no processo de ensino, buscando trazer as experiências do cotidiano deles. dessa forma eles seriam mais participantes.

André: Aula dialogada seria uma aula mais prática onde nos aproximamos mais dos alunos, sendo assim podendo ficar um entendimento mais dinâmico.

Como ponto negativo seria o cuidado dobrado para a aula não se perder nos assuntos. Positivo temos a aproximação do aluno.

Marcela: É uma aula onde todos dialogam, colocando suas opiniões, as vantagens é que vários pontos de vista sobre o assunto são ouvidos e questionados fazendo assim todos pensarem.

Vítor: Aula dialogada é uma forma dos alunos serem protagonistas na aquisição do conhecimento através do professor. É fundamental a participação do aluno em sala de aula para o sucesso do professor esse arranjo de conhecimento - aluno.

Sandra: É uma aula onde há uma maior interação entre alunos e professor. Assim a vantagem é que durante essa discussão sobre o assunto o aluno compreende melhor o assunto.

Karen: Aula com bastante conteúdo.

Os alunos participantes da pesquisa percebem a aula dialogada como um momento de troca, diálogo e construção conjunta de conhecimento no qual todos os sujeitos são importantes e ativos durante o processo de ensino e aprendizagem. Também revelaram o quanto o diálogo, as discussões e a defesa de seus pontos de vista em sala de aula são importantes e contribuem para dar sentido ao conhecimento, criação de conceitos e ressignificações.

A aula dialógica, ao contrário da tradicional, busca as trocas entre os docentes e discentes. Sendo assim, todos fazem parte do processo de ensino aprendizagem, todos são protagonistas e todos aprendem, o diálogo é a ferramenta principal desta aula, o diálogo conduz os que dele fazem parte ao pensar crítico, a reflexão, ao surgimento de ideias a mudanças ou reafirmação de ponto de vista.

Segundo Freire (2011, p. 83) o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve.

Ainda de acordo com Freire (2011, p. 83) o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma "cantiga de ninar".

Questão 3: Você já experimento anteriormente uma aula dialogada?
Comente.

Vera: Se está correto meu entendimento, creio que sim e foram as aulas que tiveram mais resultados na minha aprendizagem.

Gustavo: Já sim, ela ajudou a desenvolver o conteúdo de forma mais clara e próximo da minha realidade.

André: Sim, já participei de algumas.

São no meu entender muito produtivas.

Marcela: Sim, essa experiência começou na graduação e para mim foi diferente pois acho que me ajudou bastante a pensar mais sobre vários assuntos e também a entender a visão dos demais.

Vítor: Sim, através de jogos como conteúdo e outras dinâmicas. É importante esse tipo de entrosamento sistemático que o professor oportuniza a forma de aprender que o aluno possui, pois, cada aluno - pessoa tem muitas vezes seu próprio sistema de aprendizado.

Sandra: Sim, às vezes nem todos os alunos estão à par do assunto abordado, mas durante a aula desperta o interesse do aluno. Assim todos saem compreendendo um pouco pelo menos, a partir do diálogo.

Karen: Ainda não.

Conforme os dados dos 7 alunos, apenas 1 ainda não participou de uma aula dialogada. Então, apesar de não ser o modelo mais utilizado, a aula dialogada está ganhando espaço, pois a maioria dos alunos deste estudo já tiveram contato com o modelo. Mas apesar disso, a aula tradicional ainda segue liderando em grande parte das escolas.

Balardim afirma que,

entre as metodologias de ensino vigentes nas escolas, a tradicional é a mais comum de se encontrar. Nesse método, a transmissão de informações ocorre de maneira hierárquica – do professor ao aluno – e o progresso do estudante é medido por avaliações periódicas, às quais são atribuídas notas de desempenho. Quem não atinge os parâmetros mínimos deve repetir o ano. O objetivo é fornecer ao aluno uma base sólida de informações. A ele cabe absorver os conhecimentos transmitidos de maneira passiva, memorizando-os, mas não agregando na construção deles. O método começou a ser visto como ultrapassado entre os anos 60 e 70, mas ainda hoje é adotado por um grande número de escolas. (2020, p. 1)

Questão 4: Para você qual (is) é (são) a diferença (s) entre aula tradicional e aula dialogada?

Vera: Tradicional exige menos do profissional da educação, porém menor probabilidade de envolvimento do aluno.

Dialogada: professor precisa estar aberto, possibilidade de aprendizagem de ambas as partes.

Gustavo: Eu acredito que a principal diferença seja a forma de inserir o aluno no conteúdo, buscando trazer sua realidade às discussões em sala de aula.

André: Sua maior diferença é que temos a presença do aluno na aula "com poder de fala" sendo assim o aluno pode dialogar com o professor e esclarecer suas dúvidas.

Marcela: A aula tradicional você não se sente a vontade de opinar ou expressar sua opinião sobre tal assunto, ao contrário da aula dialogada.

Vítor: A aula tradicional, muitas vezes o professor é o total protagonista onde a transmissão do conhecimento que ele passa, pode não chegar a uma parcela dos alunos, acarretando assim mais adiante os alunos encontrarem maiores dificuldades nos conteúdos de aprendizagem.

A dialogada pode transmitir uma troca de conhecimentos mais uniforme, onde o professor consegue ultrapassar a barreira que muitas vezes o aluno possui de encorajar o professor com suas dúvidas.

Sandra: Feedback do aluno ao professor a partir do que foi falado, isso na aula tradicional nem sempre o aluno terá essa "reação" na aula.

Já na dialogada temos mais chance que isso aconteça, o método instiga o aluno a colocar sua opinião.

Karen: Diferença aula tradicional um bom conhecimento.

Aula dialogada professor educador. Contexto em sala de aula.

A maioria dos alunos consegue perceber o que para mim é a essência da aula dialogada, o diálogo que conduz ao envolvimento do aluno, a troca entre aluno e professor e entre os alunos, a sua valorização como pessoa, a valorização de suas vivências e de sua cultura, assim como o despertar para o pensar, o construir, o criticar, o refletir, o respeitar as diferenças e as opiniões contribuindo para a formação de cidadãos.

A escola deveria ter como objetivo além da formação técnica e profissional do estudante também a formação humana integral.

A escola tradicional, contudo, fortalece em nós tendências que deveríamos combater: "Com efeito, sugar docemente o pensamento alheio é bem menos fatigante que mobilizar nosso pensamento! Ler,

refestelado em cômoda poltrona é bem mais agradável que mexer-se para pesquisar! E, finalmente, aceitar opiniões já formadas é bem mais cômodo que formular opinião pessoal, com conhecimento de causa!” (CLAPARÈDE, 1958d, p. 184 *apud* ANDREATA, 2019, p. 718)

Andreata defende que, entre os principais objetivos do ensino-aprendizagem, temos o desejo de tornar críticos e autocríticos os nossos alunos.

Uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. É imprescindível portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la” (FREIRE, 2007, p. 123-124 *apud* ANDREATA, 2019, p. 711).

Andreata destaca que,

é necessário criar oportunidades para que os educandos cultivem a inteligência, para que pensem por si mesmos. Se fosse necessário escolher o mais importante princípio na vida e na obra do Paulo Freire, certamente tal princípio seria o uso do diálogo. (2019)

Questão 5: Você já teve contato com algum material que apresentasse o planejamento de uma aula dialogada? Que tipo de material? Em que ocasião?

Vera: Não tive.

Gustavo: ao meu ver nunca tive contato com nenhum material.

André: Tive contato com alguns modelos que eu mesmo busquei, foram alguns artigos.

Marcela: Não respondeu à questão.

Vítor: Sim, mas sem profundidade. Através da internet.

Sandra: Já participei de aula nesse formato. Contato com material, não lembro. A não ser as leituras que fizemos para participar de tal aula.

Karen: Ainda não tive oportunidade.

A maioria dos participantes da pesquisa nunca teve contato com materiais que apresentassem um esboço, um planejamento de uma aula dialogada.

Considerando que os sujeitos da pesquisa são futuros professores, esse fato é preocupante, pois possivelmente irão, no futuro, reproduzir as metodologias que foram aplicadas e ensinadas durante a sua formação acadêmica.

Segundo Silva e Sanada,

atuando na formação de futuros professores, uma de nossas preocupações diz respeito a conduzir processos de ensino e aprendizagem que permitam aos estudantes aprender, simultaneamente, conteúdos específicos da disciplina e procedimentos didáticos inovadores que possam ser utilizados no exercício da docência. (2017, p. 163)

Tal preocupação está em consonância com a ideia de que “[...] o futuro professor possa experienciar, como aluno, durante todo o processo de formação, as atitudes, modelos didáticos, capacidades e modos de organização que se pretende que venham a ser desempenhados nas suas práticas pedagógicas” (BRASIL, 2000, p. 38).

Questionário 2:

Questão 1: você antes de assistir ao vídeo tinha conhecimento das "etapas" de uma aula dialogada e como deve ser aproveitada cada uma delas?

Vera: Tinha ideia, mas não muito claro.

Gustavo: Eu não tinha conhecimento destas etapas.

André: Tinha um breve conhecimento.

Marcela: Antes do vídeo eu tinha uma certa ideia de como deveria ser uma aula dialogada, porém não sabia ao certo como seria cada etapa para se fazer um bom proveito.

Vítor: Após assistir o vídeo tive uma reflexão mais profunda a respeito. O aluno precisa ter um interesse na área em estudo para

isso a metodologia do professor deve ser o mais próximo da vivência do aluno, no seu dia - a - dia. Isso pode fazer o aluno assim demonstrar e ter maior interesse pelo conteúdo.

Sandra: Conhecimento, educação, conteúdos em sala de aula ou aulas práticas em laboratórios.

Karen: Ouvei em algumas aulas sobre aula dialogada, mas não em detalhes, como as etapas.

A maioria dos alunos responderam que não tinham conhecimento e entendimento dos momentos de uma aula dialogada baseada nos pressupostos de Paulo Freire. E o vídeo de apoio *Aula Dialogada* serviu para conseguirem visualizar com maior clareza tais etapas que podem ser utilizadas em uma aula dialogada e como podemos trabalhar em cada uma delas.

Para Coimbra,

os passos são os seguintes: inspiração, problematização, reflexão, transpiração e síntese. Não há uma ordem sequencial linear e rígida, mas há uma lógica na sua articulação com as categorias da metodologia dialética que gravitam em torno de qualquer tema a ser trabalhado com essa estratégia. Não consigo compreender qual temática não seria aplicável a essa estratégia, pois qualquer tema/contéudo, como já explicitado, pode ser assunto para uma aula dialogada. (s.d.)

Coimbra destaca que

Inspirar, problematizar, refletir, transpirar, sintetizar são cinco verbos operativos que indicam o caminho de uma prática que se impõe dialógica. O meio é o diálogo e o fim, o processo de ensinagem que reinicia um novo processo que pretende ser inacabado, contínuo, permanente. Uma aula expositiva dialogada, desdobra-se em outro tema que indica outro caminho que navega em outros formatos que vão sendo articulados pelos seres aprendentes nessa perspectiva. A aula, assim, não precisa ser um falando e muitos ouvindo, responderia ao estudante. Podemos romper com essa estrutura de aula e transformá-la em algo rigoroso e, ao mesmo tempo, alegre. (s.d.)

Para Masetto,

um professor que sabe escolher adequadamente e que varia as estratégias utilizadas favorece uma série de situações educativas, tais como: dinamismo nas aulas, participação dos alunos, integração e coesão grupal, motivação e interesse dos educandos, atendimento às diferenças individuais (nem todos aprendem com as mesmas

técnicas), criatividade do professor e do aluno, dentre outras. (1997 apud Coimbra, s.d.)

Questão 2: A partir do vídeo você se considera mais preparado para elaborar um planejamento de aula nesta perspectiva dialógica?

Vera: Acredito que sim.

Gustavo: Acredito que sim pois agora tenho conhecimento dessas etapas e consegui também compreender melhor como funciona essa metodologia de ensino.

André: Sim, foi muito bom e prático para o raciocínio sobre o assunto.

Marcela: Eu acredito que sou capaz de estudar mais e elaborar uma aula que aproveite todas as etapas da aula dialogada.

Vítor: Sim, isso reforça que o professor precisa sair cada vez mais do ciclo fechado do conteúdo de um livro e mostrar ao aluno que o conteúdo envolvido pode ser discutido na prática e no que é passado na vivência do aluno.

Sandra: Eu ainda não estou 100% mais um dia tenho que encarar montar um planejamento de aula.

Karen: Sim, o vídeo esclarece sobre o assunto.

Todos os alunos se consideraram mais confiantes e preparados para elaborar uma aula com a perspectiva dialógica. Dessa forma, para essa amostra, o vídeo contribuiu dando subsídios e ideias para o planejamento da aula dialogada.

Questão 3: O que você considera importante acrescentar no vídeo?

Vera: Talvez um exemplo breve, algo esquematizado.

Gustavo: acho que uma legenda seria bem importante para atingir pessoas com deficiência auditiva.

André: Colocaria alguma prática que foi feita com os alunos, sobre o tema.

Marcela: Achei o vídeo bem explicativo, mas talvez abordar mais exemplos de cada etapa em si.

Vítor: Cada vez mais está aparecendo novos meios para ensinar. até o momento o vídeo tem várias ferramentas, de inclusão mas posso afirmar que o estará sempre aberto para novos acréscimos de ferramentas.

Sandra: Acrescentar mais fatos da educação, sobre os alunos em sala de aula aprendendo conteúdo.

Karen: Acredito que se tivesse mais imagens durante as explicações, ficaria melhor unir o áudio visualizando o que se fala.

A maioria dos alunos gostaria que o vídeo trouxesse um exemplo prático de uma aula dialogada. Acredito que sentiram falta da contextualização, ou seja, da demonstração de uma aula na perspectiva dialógica apresentando um conteúdo, um tema e concordo que isso facilitaria ainda mais a construção desse conhecimento.

Um segundo apontamento que considero de extrema relevância é a acessibilidade do vídeo, sendo sugerido por um aluno acrescentar legendas. Quanto a isso, como o vídeo está disponível no Youtube, essa plataforma oferece a opção de legendagem do conteúdo.

Questão 4: Para você o vídeo atingiu o objetivo de ser uma mídia de consulta, apoio e inspiração?

Vera: Sim, claro e objetivo.

Gustavo: Serviu sim e inclusive pretendo pesquisar mais sobre o tema.

André: Sim, superou minhas expectativas.

Marcela: Atingiu sim, seria um vídeo que eu procuraria para elaborar uma aula dialogada.

Vítor: Sim, o vídeo pode ser utilizado de referência para o embasamento de ensino.

Sandra: Eu achei o vídeo bastante informação e me deu uma inspiração.

Karen: Atingiu, foi explicado com calma e de forma clara.

Os alunos consideraram que o vídeo atingiu o seu propósito de ser um material de consulta, apoio e inspiração. Por esse resultado, o produto educacional aplicado para os sujeitos da pesquisa – os alunos cursando a

disciplina Práticas Pedagógicas do curso de Licenciaturas do IFSul campus Pelotas Visconde da Graça – foi validado, ou seja, atingiu o seu objetivo.

Lembrando que o produto educacional não é estático e nem acabado, ele é idealizado visando auxiliar os professores na resolução, atenuação ou em melhorias de problemas no contexto educacional.

De acordo com o manual da USCS,

é importante que o Produto Educacional seja considerado como um protótipo, uma vez que não se configura e nem deve ser visto como uma prescrição, como algo pronto e acabado. Ao contrário, o Produto Educacional, sob essa perspectiva, mesmo que tenha sido desenvolvido e aplicado no percurso da pesquisa, configura-se como uma produção que permite mudanças, flexibilidade, interatividade, a depender do contexto, dos interesses daquele que irá aplicá-lo, desenvolvê-lo, replicá-lo.

O documento elaborado pelo UEM ressalta ainda que,

o Produto Educacional é um objeto de aprendizagem (por ex. pequeno livro, manual de atividades, sequência didática, software, jogo educativo, etc.) desenvolvido com base em trabalho de pesquisa científica que visa disponibilizar contribuições para a prática profissional de professores da Educação Básica, futuros professores, professores do Ensino Superior e Formadores de professores. Geralmente, o produto apresenta uma proposta de ensino ou de formação de professores que foi desenvolvida pelo(a) mestrando(a) e seu (sua) orientador(a).

Questão 5: Você julga ser importante ter um material de consulta a partir do qual seja possível elaborar um plano de aula dialogada. Justifique.

Vera: Sim, é necessário ter um "passo a passo" para que não se perca nenhuma etapa importante, garantindo o objetivo da aula.

Gustavo: Acredito que sim pois será como um manual para os docentes que queira se voltar para essa prática.

André: Sempre, nós como futuros professores devemos nos aperfeiçoar e buscar materiais que nos auxiliem como o vídeo.

Marcela: Com certeza. Viemos de uma formação totalmente tradicional eu acredito que as aulas dialogadas seriam um bom meio de mudar a forma como os alunos e até os professores veem a sala de aula.

Vítor: Sim, precisamos estar abertos a novas tendências.

Sandra: Não. O material com consulta seja qualquer que seja é considerável importante.

Karen: Acho importante, com material que dê um norte de como fazer, ajudaria muito quando estivermos sem experiência no assunto.

Todos os alunos que participaram da pesquisa consideram importante ter materiais de consulta para o auxílio na elaboração de uma aula dialogada.

A rotina do professor, que muitas vezes trabalha em mais de uma escola, não permite que o mesmo tenha tempo de buscar informações em várias fontes. Sendo assim, a possibilidade de ter materiais de consulta claros, sucintos e objetivos viabiliza ao professor diversificar sua didática.

O produto educacional resultante do Mestrado Profissional visa atender a essas demandas.

O produto educacional apresenta-se como uma forma de tornar pública a pesquisa realizada durante o mestrado profissional e caracteriza-se como um recurso com estratégias educacionais que favorece a prática pedagógica. A elaboração do produto pedagógico implica um processo formativo contínuo, no qual a pesquisa é o alicerce (FREIRE et al., 2017 *apud* BECKMANN; PEIXOTO, 2021).

Questão 6: Qual prática pedagógica você pretende seguir ao longo de sua trajetória como professor? Comente.

Vera: Eu como aluna gosto muito da aula dialogada, que desenvolve minha capacidade de raciocínio. No entanto, fico apreensiva quanto a capacidade de desenvolver uma aula com essa metodologia que atinja objetivo de aprendizagem.

Gustavo: Pretendo seguir os fundamentos de uma prática dialogada pois está traz o interesse da turma e busca formar adultos e jovens críticos e conscientes do mundo ao seu redor.

André: Uma aula mais dinâmica como a dialogada para ajudar os alunos a desenvolver o senso crítico.

Marcela: Pretendo tornar as aulas atrativas para os meus alunos de forma que eles não tenham que ir para aula somente porque é

obrigação, mas por gostarem e se sentirem entusiasmados ao adquirir o conhecimento.

Vítor: As que puderem estar disponíveis, não podemos nos submeter a uma lista fechada, o professor está sempre em formação e a novas tendências de construção.

Sandra: Talvez ir com os alunos dar uma aula prática no laboratório.

Karen: Gosto bastante da ideia de aula dialogada, acho que a interação entre os envolvidos é melhor nesse formato. Mas ainda não tenho uma opinião formada sobre como será, vou formando minhas ideias até o final da minha graduação.

A maioria dos alunos que responderam ao questionário pretendem adotar como metodologia a aula dialogada, constatando as vantagens da mesma quando comparada ao ensino bancário, pois percebem que a construção do conhecimento ocorre a partir das trocas, reflexões, discussões, enfim, a partir do diálogo entre os sujeitos.

Além da construção do conhecimento, o diálogo entre o professor e os alunos e dos alunos entre si, promovem discussões, reflexões, desenvolvimento do senso crítico contribuindo para a formação humana integral.

Freire afirma que

o diálogo é uma exigência existencial. É o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.(2011, p. 109)

Para Freire,

é através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém,

como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (2011, p. 95)

6. Produto Educacional

Mídia digital no formato de um vídeo que será disponibilizado para consulta pelos docentes. O vídeo será um material consultivo, de apoio e de inspiração para os docentes que desejarem dicas, informações e subsídios para elaborar um planejamento de uma aula dialógica apoiada nos princípios freirianos.

O Mestrado Profissional tem como diferencial apresentar como um dos seus resultados a criação de um produto educacional (PE), produto este que visa ser um instrumento de auxílio para professores em diversas ocasiões do processo educacional.

No Mestrado Profissional, distintamente do Mestrado Acadêmico, o mestrando necessita desenvolver um processo ou produto educativo e aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de videoaulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação deve incluir necessariamente o relato fundamentado da aplicação do produto educacional desenvolvido (CAPES, 2019, p. 5).

Segundo o Manual da USCS, as pesquisas desenvolvidas em Programas Profissionais têm a realidade empírica como ponto de partida e de chegada, evidenciando fatos específicos, pela compreensão de situações localizadas, buscando soluções e propondo alternativas.

Com base nesse conceito de pesquisa, o estudante de mestrado e de doutorado profissionais em Educação tem o desafio de desenvolver pesquisa implicada e aplicada com rigor teórico-metodológico para que possa ampliar sua compreensão do contexto investigado como pesquisador em ambiente natural de trabalho e, como parte integrante desse processo, desenvolver um Produto Educacional para contribuir e intervir na realidade de atuação profissional.

De acordo com Batalha,

o Produto Educacional é um instrumento que se configura numa produção desenvolvida pelo orientador e orientando, totalmente vinculado ao trabalho de dissertação, com a finalidade de resolução de um problema específico de sala de aula, sendo aplicável e utilizável e que a partir de sua proposta didática possa ajudar, modificar e transformar maneiras de ensinar e aprender. (2019)

O Produto Educacional, vídeo de apoio, para entendimento e construção de uma aula dialogada, fruto da minha dissertação e pesquisa, tem como finalidade contribuir para a construção do conhecimento e o planejamento de uma aula dialogada. Tenho como objetivo inspirar o professor, além de contribuir com dicas e um direcionamento de forma rápida e resumida para a construção de uma aula dialogada.

A escolha pela mídia digital no formato de um vídeo, dentre as opções de PE existentes, foi realizada por considerar um instrumento de rápido e fácil acesso, além de dinâmico.

Considerando o pouco tempo do professor para preparar uma aula tendo em vista todas as atividades que desenvolvem, tenho como meta auxiliar o professor que buscasse entender, planejar e construir uma aula dialogada a partir do vídeo; que pudesse ter noção e incentivo a partir do conteúdo que apresento, e então, seguir o seu planejamento, servindo o vídeo como um modelo, como um material orientador.

De acordo com o manual da USCS,

é importante que o Produto Educacional seja considerado como um protótipo, uma vez que não se configura e nem deve ser visto como uma prescrição, como algo pronto e acabado. Ao contrário, o Produto Educacional, sob essa perspectiva, mesmo que tenha sido desenvolvido e aplicado no percurso da pesquisa, configura-se como

uma produção que permite mudanças, flexibilidade, interatividade, a depender do contexto, dos interesses daquele que irá aplicá-lo, desenvolvê-lo, replicá-lo.(s.d.)

O vídeo tem duração de 5 minutos e foi produzido por mim em conjunto com o repórter fotográfico Paulo Rossi. O programa utilizado na confecção do vídeo foi CapCut, as imagens utilizadas foram obtidas a partir de bancos de imagens públicos, o desenho em homenagem a Paulo Freire que retrata o seu rosto foi realizado pela artista Yasmine Pinhati.

O vídeo foi pensado para ser um guia prático para orientar e inspirar os professores e trazer conceitos básicos que servirão como ponto de partida para os mesmos.

7. Considerações Finais

Os alunos deste século em quase nada se comparam com os alunos do século passado. A internet, a banda larga, as redes sociais, as mídias digitais, as novas tecnologias e a inteligência artificial são realidades hoje, enquanto que em outro tempo eram apenas possibilidades.

Para atingir esse público que têm tanta informação disponível em tempo real e de forma tão rápida, é necessário inovar, interagir, construir o conhecimento junto com o aluno, dar a ele o papel de protagonista, valorizar sua cultura e conhecimento prévio, contextualizar os conteúdos, buscar uma aprendizagem significativa e uma alternativa para alcançar esses propósitos. É a aula dialogada baseada nos pressupostos de Paulo Freire.

Além disso, a partir da aula dialogada os alunos são estimulados e incentivados a fazerem relações entre os conteúdos e suas vivências, o conteúdo é contextualizado, sua cultura e saberes prévios são considerados e valorizados e o aluno, junto ao professor, constroem o conhecimento.

Como consequência deste processo ocorre a formação de cidadãos com senso crítico, autônomos e conscientes que, com certeza, terão condições de contribuir para a transformação da sociedade.

Quanto aos professores os mesmos possuem conhecimento sobre essa metodologia? Foram formados nesta perspectiva de diálogo em sala de aula?

Os professores sobrecarregados com sua rotina de sala de aula, não remunerados da forma como merecem, às vezes tendo que trabalhar os três

turnos para garantir o seu sustendo e de sua família, possuem disponibilidade de tempo para se qualificar, aperfeiçoar e aplicar essa metodologia?

Devido a essa realidade trago como produto educacional uma mídia digital no formato de um vídeo consultivo no qual, a partir desse material, o professor poderá ter ideia de forma simples, sucinta e breve do planejamento de uma aula dialógica freireana.

A partir da apresentação deste vídeo para os alunos do Curso de Licenciaturas do IFSul campus Pelotas Visconde da Graça cursando a disciplina Prática Pedagógica II e após a coleta dos dados através de dois questionários – o primeiro anterior a apresentação do vídeo *Aula dialogada* e o segundo questionário após a apresentação do vídeo consultivo – foi possível aferir a eficácia do produto educacional e concluir que o objetivo para o qual ele foi construído foi atingido, uma vez que todos os discentes sujeitos desta pesquisa, a partir do vídeo, se consideraram aptos e com subsídios para iniciarem o planejamento e utilização da aula no formato dialógico.

Visando sempre que a escola cumpra o papel da formação humana integral, não apenas de profissionais, mas também de cidadãos.

8. Referências:

ABENSUR, P. L. D. Currículo: o Jeito Freireano de fazer. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, no. 2, p. 289-310, nov. 2012. Disponível em: www.reveduc.ufscar.br. Acessado em: 22 jul 2023.

ALMEIDA, R. C.; MATIAS, J. T. F. O diálogo e a cooperação como recursos pedagógicos: uma revisão da prática na Escola Simão Angelo em Penaforte/CE. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, nº 2, 2023. Disponível em: www.educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/1/o-dialogo-e-a-cooperacao-como-recursos-pedagogicos-uma-revisao-da-pratica-na-escola-simao-angelo-em-penafortece. Acessado em: 9 jul 2023.

AMARO, A.; PÓLVORA, A.; MACEDO, L. **A Arte de Fazer Questionário. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto**. Mestrado em Química para o Ensino. Disponível em: www.feis.unesp.br>estatisticas>escala. Acessado em: 20 mar 2024.

ANDREATA, M. A. A Aula Expositiva e Paulo Freire. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v.26, n.3, p.700-724, set./dez./2019. Disponível em: seer.ufu.br > emrevista > article > download. Acessado em: 14 jul 2024.

BOGDAN, R.; SARI, B. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. 1 ed. Portugal: Porto Editora, 2013.

COIMBRA, C. L. A Aula Expositiva Dialogada em uma Perspectiva Freireana, in: III Congresso Nacional de Formação de Professores (Cnfp) e XIII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores (Cepfe). 2016. **Anais**. p. 1-13. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/429792697/A-Aula->

[Expositiva-Dialogada-Em-Uma-Perspectiva-Freireana](#). Acessado em: 12 dez 2023.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências: fundamentos e método**. São Paulo: Cortez, 2002.

DERMARCHI, J. L. Paulo Freire: a educação é política. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/paulo-freire-a-educacao-e-politica>. Acessado em 24 de abril de 2024.

FIORI, E. M. Aprender a Dizer a Sua Palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FORTUNATO, I. COMO PAULO FREIRE (ME) AJUDA A TRABALHAR NO OFÍCIO DE PROFESSOR FORMADOR. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 13, n. 37, p. 168–183, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7811322. Disponível em: www.revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/1134. Acessado em: 20 dez 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, C. S. F; GUERRA, M. G. V. Educação dialógica: a perspectiva de Paulo Freire para o mundo da educação. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 4-15, set.-dez. 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/nascimentosilva,+art_01%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/nascimentosilva,+art_01%20(1).pdf). Acessado em: 18 ago 2023

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIOGRANDENSE (IFSUL). **O Campus Pelotas-Visconde da Graça**. Pelotas: [IFSUL, 2024]. Disponível em: <http://cavg.ifsul.edu.br/o-cavg>. Acessado em: 30 mai 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIOGRANDENSE (IFSUL). **Curso Superior de Graduação Licenciatura em Ciências Biológicas**. Disponível em: file:///C:/Users/Gest%C3%A3o%20Acad%C3%AAmica/Downloads/06_PPC_VG_BIOL_ATUALIZADO_CAPED_27_03_2018.pdf. Acessado em: 20 jun 2024.

MARQUES, L. N. Enfoque CTS e a Pedagogia Freireana na Abordagem Temática sobre a Água nos Componentes Curriculares de Ciências da Natureza do Ensino Médio. In: **OPEN SCIENCE RESEARCH X**. Editora Científica Digital, v. 10, p. 944-963, 2023. Acessado em: 21 set 2023.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Contribuição do pensamento freiriano para a formulação de novas propostas e práticas curriculares. **Instituto Paulo Freire**, 2008. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/c85f1f1f-a310-4b03-b8f2-f6ff43f03b31/content>. Acessado em: 10 jun 2024.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **SciELO Brasil**, 2014. Disponível em: www.scielo.br/j/pp/a/QJxGZXzMDX4Qjpkxd5jRfFD. Acessado em: 06 out 2023.

OLIVEIRA, J.; OLIVEIRA, T. M. T. A Visão e Conclusões de Paulo Freire Sobre as Concepções Teóricas da Aprendizagem. **Facit Business and Technology Journal**. QUALIS B1. 2023. ed. 41. vol. 01. p.100-120. Disponível em: www.revistas.faculdefacit.edu.br. Acessado em: 09 jul 2023.

PACHECO, L. C.; MUENCHEN, C. Abordagem Temática: um olhar para práticas pedagógicas no âmbito de estágios supervisionados em física. **Revista Insignare Scientia - RIS**. mai 2023. Vol. 6, n. 2. p. 332-345. Disponível em: www.researchgate.net/publication/370925069_Abordagem_Tematica_um_olhar

_para_praticas_pedagogicas_no_ambito_de_estagios_supervisionados_em_fisica. Acessado em: 10 abr 2024.

PAULO, F. S.; TROMBETTA, S. Educar é Sempre um Ato Político: Desafios Contemporâneos. **Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde**. v. 23, n° 2, 2021. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/25553>. Acessado em: 06 jul 2023.

PEREIRA, L. C. **História da Educação**. InfoEscola Navegando e Aprendendo, s.d. Disponível em: www.infoescola.com/pedagogia/historia-da-educacao. Acessado em: 10 out 2023.

PILLETI, C.; PILLETI, N. **História da Educação**: de Confúcio a Paulo Freire. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2021.

RIBEIRO, G. F.; SANTEIRO, T. V.; PEREIRA, H. de O. S. Sentidos atribuídos por professores à prática docente em um cursinho popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 231–250, 2023. DOI: 10.14393/REP-2023-67585. Disponível em: www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/67585. Acessado em: 28 ago 2023.

ROSA, M. F. S.; SOUZA, R. F. Sequência didática, apoiada em Aprendizagem Baseada em Projetos, no ensino de Ciências, em diálogo com os pressupostos freireanos. **SCIENTIA PLENA**, v. 19, n° 3, 2023. Disponível em: <https://www.scientiaplenua.org.br/sp/article/view/6870>. Acessado em: 21 set 2023.

SILVA, I. D.; SANADA, E. R. Procedimentos metodológicos nas salas de aula do curso de pedagogia: experiências de ensino híbrido. In BACICHI, L.; MORAN, J. (Orgs). **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

SILVA, L. S.; OLIVEIRA, G. S.; NEVES, E. H. Entrevista na Pesquisa em Educação de Abordagem Qualitativa: Algumas Considerações Teóricas e Práticas. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1, p. 110-112, 25 dez 2021. Disponível em:

<https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/46#:~:text=Atrav%C3%A9s%20deste%20pode%2Dse%20compreender,que%20acontece%20o%20fen%C3%B4meno%20educativo>. Acessado em 8 dez 2023.

SOUSA, A. C. S.; SACHS, J. P. D.; SILVA, R. A. R. Conhecendo os quelônios da Amazônia: uma proposta de sequência didática para o ensino contextualizado de Ciências. **Revista Insignare Scientia - RIS**, v. 6, nº 1, p. 502-518, 2023. Disponível em: www.periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/12875. Acessado em 6 jul 2023.

SOUZA, E. S.; SANTOS, Um Estudo sobre a Abordagem da Linguagem Matemática no Ensino dos Conceitos Físicos. **Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas**, nº 23, Ano XII, 05/2023. Disponível em: www.ufvjm.edu.br. Acessado em: 06 out 2023.

VEIGA, I. P. A. (org). **Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

9. Apêndices

APÊNDICE 1

Questionário 1:

- 1) O que é para você uma aula tradicional? Quais são as vantagens e desvantagens da aula tradicional na opinião?
- 2) O que é para você uma aula dialogada? Quais são as vantagens e desvantagens da aula dialogada na sua opinião?
- 3) Você já experienciou anteriormente uma aula dialogada? Comente.
- 4) Para você qual (is) é (são) a (s) diferença (s) entre aula tradicional e a dialogada?
- 5) Você já teve contato com algum material que apresentasse o planejamento de uma aula dialogada? Que tipo de material? Em que ocasião?

APÊNDICE 2

Questionário 2:

- 1) Você antes de assistir ao vídeo tinha conhecimento das “etapas” de uma aula dialogada e como deve ser “aproveitada” cada uma delas?
- 2) A partir do vídeo você se considera mais preparado para elaborar um planejamento de aula nesta perspectiva dialógica?
- 3) O que você considera importante acrescentar no vídeo?
- 4) Para você o vídeo atingiu o objetivo de ser uma mídia de consulta, apoio e inspiração?
- 5) Você julga ser importante ter um material de consulta a partir do qual seja possível elaborar um plano de aula dialogada? Justifique.

- 6) Qual prática pedagógica você pretende seguir ao longo de sua trajetória como professor? Comente.

APÊNDICE 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Projeto de Pesquisa: Mestrado / Título Aula Dialogada Espaço/ Tempo de formação Humana

Instituição realizadora da Pesquisa: Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense

Pesquisador responsável: Patrícia Cabral Rossi

Objetivos: coletar dados sobre o conhecimento e o pensamento dos alunos acerca do tema Aula.

Procedimentos a serem utilizados:

A pesquisa será produzida a partir de dados coletados junto aos alunos do quinto semestre das Licenciaturas do IFSul campus Visconde da Graça, cursando a disciplina de Prática Pedagógica II. Para isso, será solicitado que o sujeito responda a um questionário.

Os dados coletados serão utilizados para tabulação e posterior análise. Há o comprometimento do pesquisador em não divulgar os nomes dos sujeitos dessa pesquisa e nem mesmo informações que possam vir a expô-los, garantindo o sigilo e privacidade absoluto de seu anonimato.

Além disso, o sujeito da pesquisa terá os esclarecimentos desejados e a assistência adequada, se necessária, antes e durante a realização da pesquisa.

Desde já agradeço sua colaboração e atenção frente a pesquisa aqui apresentada.

Pelotas, 01 de abril de 2024.

Nome do sujeito da pesquisa

Assinatura do sujeito da pesquisa

Assinatura do Pesquisador